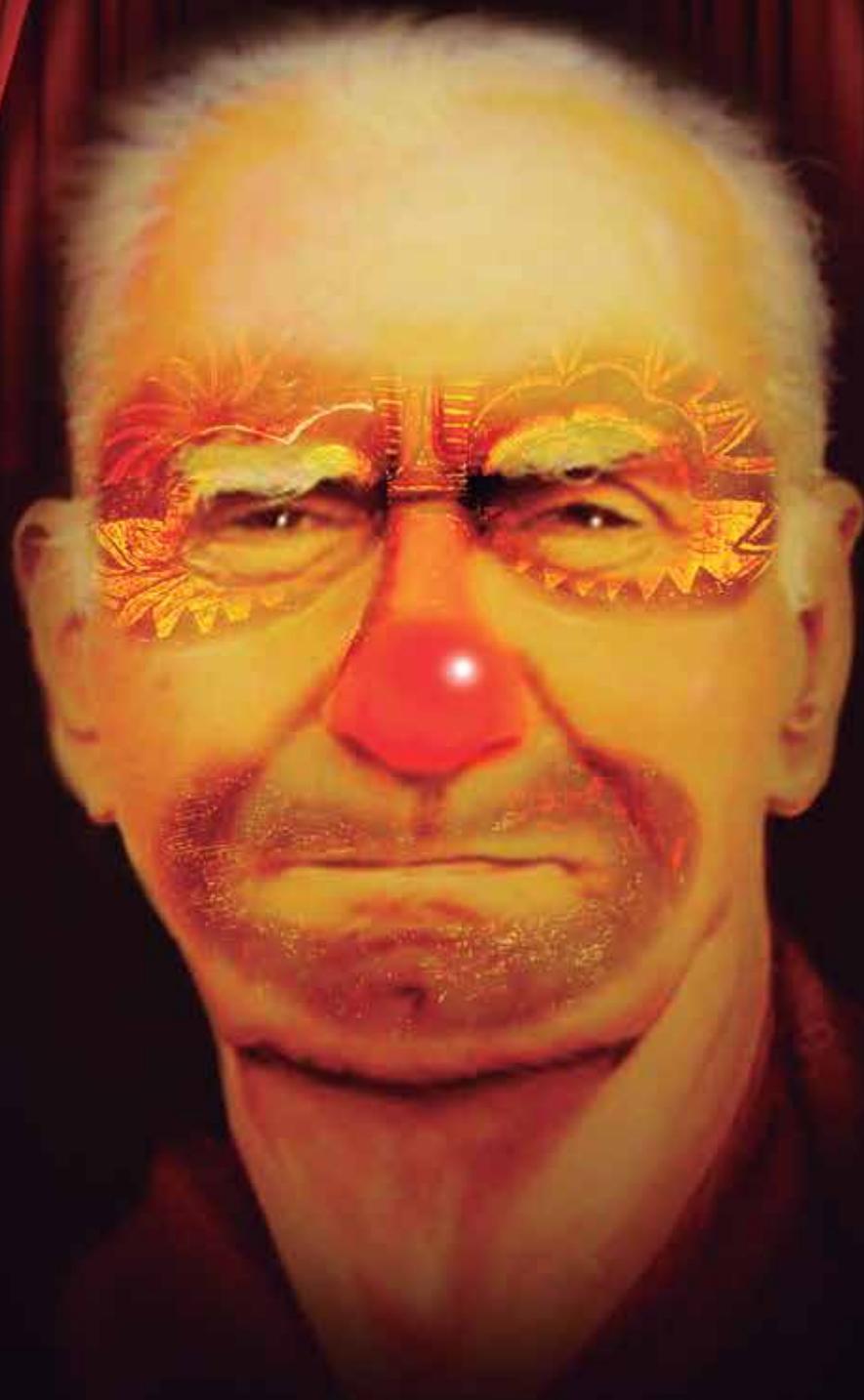


FUNDADO POR EDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Setembro 2018 – ANO LXIX Nº 7



Teatro de Ariano

Nova Fronteira lança em novembro a dramaturgia completa do autor paraibano, organizada por Carlos Newton Júnior



Essencial

O romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) trabalhou arduamente, nos anos finais de sua vida, no sentido de fundir toda sua obra em um só e harmônico conjunto, por ele chamado de *A Ilumiara*, cujo expoente seria o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*.

Publicado pela Editora Nova Fronteira, única casa a aceitar os critérios apresentados pela família Suassuna, para publicação da obra completa de Ariano, o *Romance de Dom Pantero* foi lançado, simultaneamente, no ano passado, com a versão definitiva do *Romance d'A Pedra do Reino*. Um marco editorial.

O projeto gráfico-editorial segue a estética armorial, sob a responsabilidade de um grupo formado, principalmente, pelo artista Manuel Dantas Suassuna (direção de arte), Carlos Newton Júnior (fixação de texto), Ricardo Gouveia de Melo (projeto

Na opinião de Carlos Newton, a obra teatral de Ariano, reunida pela primeira vez, "representa um dos pontos mais altos da moderna dramaturgia brasileira e, por conseguinte, de toda a dramaturgia em língua portuguesa".

gráfico) e Janaína Senna (editora responsável).

Em novembro, o projeto terá prosseguimento com o lançamento da obra teatral reunida de Ariano, organizada e apresentada por Carlos Newton Júnior. Trata-se de

uma caixa especial com quatro volumes, compreendendo vinte títulos – seis comédias, cinco tragédias e nove entremeses, além três peças clássicas, traduzidas por Ariano.

Na opinião de Carlos Newton Júnior, a obra teatral de Ariano, reunida pela primeira vez, "representa um dos pontos mais altos da moderna dramaturgia brasileira e, por conseguinte, de toda a dramaturgia em língua portuguesa", colocando, portanto, o autor paraibano, no panteão artístico que lhe é devido.

Trata-se de uma oportunidade ímpar para o conhecimento da obra dramaturgical completa – há peças jamais encenadas e inéditas em livro – de um artista que, nas palavras de Carlos Newton Júnior, "soube expressar tão bem o nosso país e o nosso povo, e assim tem tanto a dizer a cada um de nós".

O Editor

♦ índice

 4	 16	 20	 41
TEATRO Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, prepara o lançamento do <i>Teatro Completo de Ariano Suassuna</i> , em quatro volumes.	MEMÓRIA Reportagem de Linaldo Guedes e artigo de Joana Belarmino compõem um fiel retrato do escritor Ronaldo Monte (1947-2018)	POESIA A seção "Poesia" reúne poemas de Jennifer Trajano, Francisco Gil Messias e Johniere Alves Ribeiro, ilustrados por Domingos Sávio.	CRÔNICA Carlos Newton Júnior prossegue com as homenagens a Orlando Tejo (1935-2018), desta feita narrando uma das histórias preferidas do poeta.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB

PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510

Redação: 3218-6509/9903-8071

ISSN 1984-7335

editor.correiodasartes@gmail.com

<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albiege Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Jorge Rezende

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Domingos Sávio

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tônio,
Manuel Dantas Suassuna



O Brasil LEVADO A palco

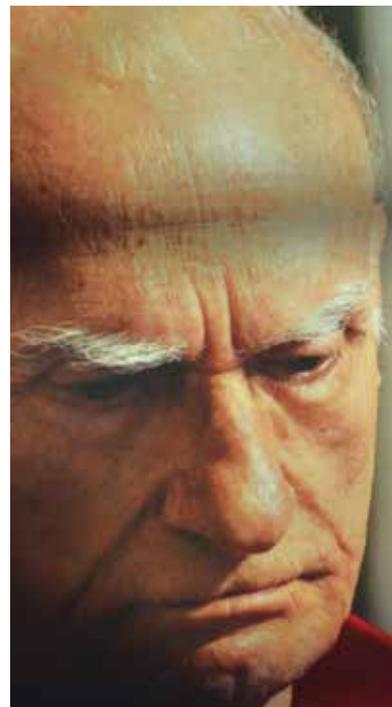
TEATRO COMPLETO DE
ARIANO SUASSUNA É UM
DOS MAIS PROFUNDOS
MERGULHOS DE UM
ARTISTA NA ALMA DO POVO
BRASILEIRO. CAIXA ESPECIAL
COM A OBRA TEATRAL
REUNIDA DO DRAMATURGO
PARAIBANO, ORGANIZADA
POR CARLOS NEWTON
JÚNIOR, SERÁ LANÇADA,
EM NOVEMBRO, PELA NOVA
FRONTEIRA

William Costa
Editor do *Correio das Artes*

Há poucos dias, diante de uma pilha de livros, colocada por ele mesmo sobre a mesa de um restaurante, localizado na orla marítima da capital da Paraíba, formada por romances e peças teatrais de Ariano Suassuna, o artista Manuel Dantas Suassuna, filho do autor do *Romance d'A Pedra do Reino*, em conversa com dois amigos, indaga, referindo-se ao pai: "Como entender o Brasil, principalmente com os problemas que o país apresenta hoje, sem ele?"

Ato contínuo, os três amigos observam os livros, depois entreolham-se, cada um recebendo, como uma luz, a mesma resposta. Ariano Vilar Suassuna, nascido aos 16 de junho de 1927, encantou-se aos 23 de julho de 2014, mas permanece vivo, por tempo imensurável, dentro do castelo literário que ergueu, no decorrer de toda sua vida, cuja estrutura é exatamente

FOTO: AGÊNCIA BRASIL (DETALHE)



Ariano Suassuna iniciou sua produção no campo da dramaturgia em 1947, com a tragédia Uma Mulher Vestida de Sol

o conjunto de sua obra, formada por ensaios, romances, poemas e textos teatrais.

Depois de lançar, no ano passado, o livro que Ariano vinha escrevendo ao longo de cerca de 30 anos – o *Romance de Dom Panteiro no Palco dos Pecadores* – e, entre outros títulos, a versão definitiva do *Romance d'A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, a Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, anuncia, para novembro, a publicação do *Teatro Completo de Ariano Suassuna*, organizado pelo professor, poeta e ensaísta Carlos Newton Júnior.

Os quatro volumes que a caixa contém seguem o padrão gráfico-editorial dos livros anteriormente lançados pela casa, mantendo, neste plano, a mesma ideia que Ariano teve, no sentido de interligar seu romance, sua poesia, seu teatro e seu ensaio, formando, com eles, um grande conjun-

to - uma só obra, que o autor denominou de *A Ilumiara*. Em novembro, portanto, o leitor terá em mãos uma das vigorosas colunas de sustentação do universo literário suassuniano.

No campo editorial, o projeto de publicação do *Teatro Completo de Ariano Suassuna*, por ordem de responsabilidades, agrupa Daniele Cajueiro (direção editorial), Janaína Senna (editora responsável), Adriana Torres (produção editorial), Adriana Victor, Carlos Newton Júnior e Ester Suassuna Simões (fixação de texto). A equipe de revisão é formada por Olga de Mello, Perla Serafim e Sabrina Primo. A diagramação é da Filigrana.

No domínio gráfico, integram a equipe responsável pela estética visual do *Teatro Completo de Ariano Suassuna* Manuel Dantas Suassuna (direção de arte) e Ricardo Gouveia de Melo (capa e projeto gráfico). As ilustrações levam as assinaturas de Ariano, Zélia, Manuel Dantas e Lucas Suassuna e Guilherme da Fonte, o que dá a dimensão da beleza plástica, no plano das obras, nas quais textos e imagens interagem, formando um conjunto orgânico.

CELEBRAÇÃO DO MOVIMENTO ARMORIAL

A editora Janaína Senna explica que todos os livros de Ariano Suassuna, na Nova Fronteira, seguem o projeto do autor de construir uma obra única, que ele batizou de *A Ilumiara*. “Ariano – prossegue – retrabalhou incansavelmente seus textos para que eles, mesmo mantendo sua unidade e independência, pudessem compor uma totalidade de expressão artística que abranjeria também suas incursões pelas artes plásticas e até suas aulas-espetáculo”.

Janaína acrescenta que, para se adequar a esse movimento programático de construção da *Ilumiara*, tão caro a Ariano, a obra do autor paraibano está sendo cuidadosamente fixada por seu maior conhecedor e especialista, o professor pernambucano Carlos Newton Júnior. “Além disso, a obra recebeu um projeto gráfico muito bonito e consistente – assinado por Ricardo Gouveia de Melo, com direção artística de Manuel Dantas Suassuna”, completa.

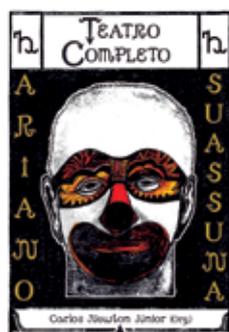
Segundo Janaína, o projeto gráfico de *A Ilumiara*, adotado pela Nova Fronteira, remete à tradição da literatura de cordel, com o papel branco do miolo e a predominância do preto nas capas. “Por outro lado – destaca ainda a editora -, o projeto traz a sofisticação de ilustrações cheias de simbolismo, o alfabeto armorial criado por Ariano, a heráldica sertaneja dos ferros de marcar que instauram a importância da ancestralidade”.

A concepção gráfica de *A Ilumiara*, portanto, de acordo com Janaína, é ela própria uma celebração do Movimento Armorial, idealizado por Ariano, “uma vez que produz arte erudita brasileira a partir da nossa cultura popular”. O Movimento Armorial, inspirado e dirigido por Ariano, foi lançado oficialmente no dia 18 de outubro de 1970, com a realização de um concerto e uma exposição de artes plásticas no Pátio de São Pedro, no centro do Recife (PE).

No que diz respeito à importância de Ariano, no panorama da Cultura brasileira, Janaína afirma que o autor do *Auto da Compadecida* é, sem dúvida alguma um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. “Isso já seria mais que suficiente para expressar o privilégio e a honra sem tamanho que é tê-lo na Nova Fronteira, editora que em seus quase sessenta anos de existência sempre devotou especial atenção aos clássicos”, ressalta.

“Se quisermos esmiuçar um pouco mais – continua a editora -, posso dizer que com sua múltipla e vultosa produção artística, Ariano forneceu ao leitor informação, diversão, emoção, erudição e, mais que isso, potencializou incrivelmente nossa imaginação”. Para ela, Ariano, autor generoso, produziu uma obra das mais eruditas e ao menos tempo das mais populares. “Não por acaso se comunica perfeitamente bem com tudo e com todos”, enfatiza.

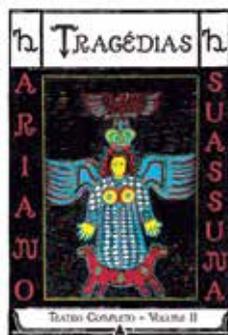
Janaína não retoca o retrato que apresenta Ariano como um dos grandes defensores da cultura popular brasileira e nordestina em particular, sabendo como ninguém revelar suas complexidades nas aparentes simplicidades. “Ariano foi um Youtuber *après la lettre*, foi também um mentiroso convicto, um palhaço frustrado (segundo ele próprio), o professor envolvente, o escritor consagrado e imortalizado na Academia Brasileira de Letras”, acentua.



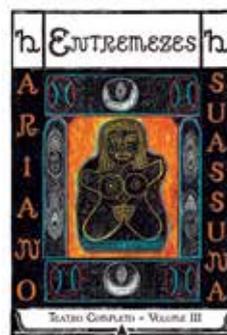
O box da Nova Fronteira reúne quatro volumes, vinte títulos e três traduções de Ariano



O primeiro volume, com ilustrações de Zélia Suassuna, é apresentado por Bráulio Tavares



O volume dois, ilustrado por Manuel Dantas Suassuna, é apresentado por Alexei Bueno



O terceiro volume, com ilustrações de Lucas Suassuna, é apresentado por Idelette Muzart



O quarto volume, com ilustrações de Guilherme da Fonte, é apresentado por Luís Reis

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Ariano e Zélia
Suassuna na Fazenda
Carnaúba, Taperoá,
Paraíba, em 2014

▶ DOM CARLOS ORGANIZA O ESPETÁCULO

O professor Carlos Newton Júnior jamais poderia ser deixado de fora de um empreendimento - no caso, o que ora é tocado pela casa carioca Nova Fronteira - que tem como um de seus principais fundamentos aproximar o chamado “público leitor” de língua portuguesa - o brasileiro, em particular - do castelo literário edificado por Ariano Suassuna, a partir, inclusive, de sua fachada, ou seja, o tratamento gráfico-editorial do conjunto de sua obra.

Carlos Newton é um dos cavaleiros andantes da Jornada Armorial, tanto que mereceu de Ariano - que o tratava também como filho - o título de Dom Carlos. Talvez nenhum estudioso da obra suassuniana supere Carlos no longo e assíduo contato com a obra e o autor. Só isso explica o fato dele ter organizado o *Teatro Completo de Ariano Suassuna* em apenas seis meses, tendo como dificuldade maior - conforme revelou - apenas a fixação de textos.

Segundo Carlos, a fixação de textos de algumas peças deu algum trabalho porque nos datiloscritos havia muitas anotações manuscritas, como foi o caso de *O Arco Desolado* (1952). Dos vin-

te textos reunidos na caixa que a Nova Fronteira está lançando, só duas peças curtas lhe eram desconhecidas: *Um Natal Perfeito* (1957) e *O Marido Domado* (1961). Mesmo assim, ele esclarece que já tinha algumas informações acerca da montagem da segunda.

Na “Apresentação geral” que escreveu para o *Teatro Completo de Ariano Suassuna*, na qual destaca também os “Critérios da organização”, Carlos afirma, logo de início, que a obra teatral de Ariano - cuja reunião inédita está para chegar às livrarias do país, com selo da Nova Fronteira - “representa um dos pontos mais altos da moderna dramaturgia brasileira e, por conseguinte, de toda a dramaturgia em língua portuguesa”.

O texto introdutório de Carlos vale por um curso de iniciação ao teatro suassuniano. Por ele se sabe, por exemplo, que Ariano produziu o conjunto de suas peças em menos de meio século de vida - de 1947 (*Uma Mulher Vestida de Sol*) a 1996 (*A História do Amor de Romeu e Julieta*), sendo que o núcleo principal situa-se entre 1947 e 1961 (*A Caseira e a Catarina*), ou seja, trata-se de obra criada por um artista relativamente moço, fato que justifica as reescrituras.

Carlos revisita os anos de Ariano no Teatro do Estudan-

te de Pernambuco (TEP), então sob a liderança de Hermilo Borba Filho (1917-1976), quando, ao entrar em contato com a obra teatral de Federico García Lorca (1898-1936), o paraibano irá colocar sua própria dramaturgia sob a influência do romancista popular nordestino, estabelecendo, com o “Teatro do Nordeste”, um novo caminho para a dramaturgia brasileira, de base erudita, porém de raízes populares.

O leitor terá, portanto, a oportunidade ímpar de conhecer o excepcional conjunto formado por entremezes (entremeios ligeiros e demorosos), comédias (entre as quais se distingue o *Auto da Compadecida*, de 1955) e tragédias (com destaque para o texto dramático inaugural de Ariano, *Uma Mulher Vestida de Sol*, de 1947), além das peças *Antígona*, de Sófocles, *A Panela*, de Plauto, e *As Trapaças de Escapim*, de Molière, traduzidas pelo escritor paraibano.

O organizador, além de fornecer dados biobibliográficos do autor e, de modo geral, análises de forma e conteúdo das peças, aclara o processo de reescritura de textos, possibilitando ao leitor, conforme suas próprias palavras, “uma visão geral do trabalho de Suassuna no campo do teatro”, começando pelo comediógrafo, passando pelo tragediógrafo e autor de entremezes, “até chegar a um Ariano praticamente desconhecido, o tradutor de teatro”.

Para Carlos, Ariano consolida o “Teatro do Nordeste” - ver Hermilo Borba Filho e Paschoal Carlos Magno - abrindo, para a dramaturgia brasileira, “o caminho de um teatro erudito, mas de raízes populares, que procura atingir o universal a partir do regional e mesmo do local; um teatro não realista, mas poético; um teatro comprometido com os problemas fundamentais do homem, mas jamais engajado ou panfletário”.

Na organização do *Teatro Completo de Ariano Suassuna*, Carlos não usou critérios cronológicos, preferindo arriscar-se no agrupamento das peças por “gêneros”, aí sim, dispondo os textos por ordem cronológica. Por esse motivo, nas folhas de abertura de

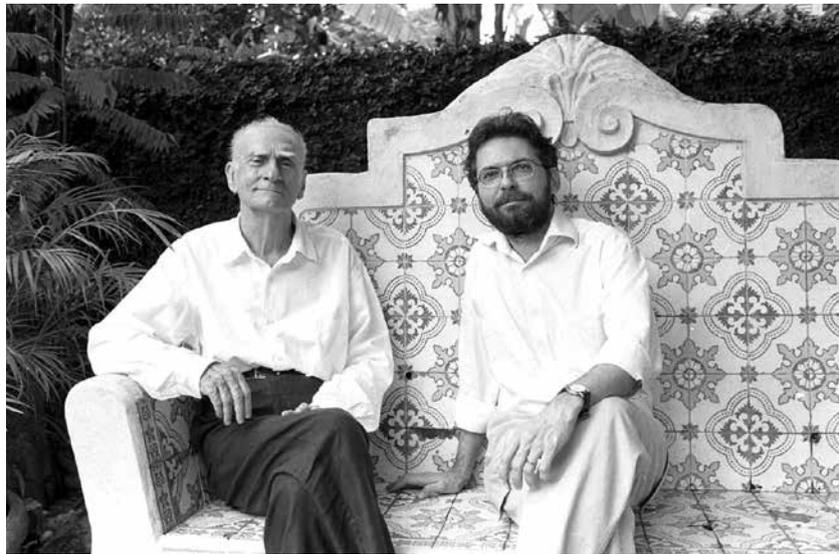
► cada espetáculo constam – “sempre que possível”, frisa Carlos – não só as datas das escrituras, como também as datas em que os textos foram reescritos, como, por exemplo, *Os Homens de Barro* (1949-2003).

O primeiro volume, dedicado às comédias, é apresentado por Braulio Tavares e traz, como texto inédito, segundo Carlos, *As Conchambranças de Quaderna* (1987) – por sinal, a última peça do gênero escrita por Ariano. Já as tragédias do segundo volume, cuja apresentação é feita por Alexei Bueno, foram todas reescritas, à exceção de *O Arco Desolado* (1952), até então inédita, do mesmo modo que *O Desertor de Princesa* (1948) e *Auto de João da Cruz* (1950).

O terceiro volume é apresentado por Idelette Muzart. Os entremezes foram subdivididos em “Entremeios Ligeiros” e “Entremeios Dolorosos”. Nos Ligeiros, de acordo com o organizador, foram incluídas três peças inéditas: *O Seguro* (1957), *Um Natal Perfeito* (1957) e *O Marido Domado* (1961). “No grupo dos entremezes ‘demorosos’ – assinala Carlos -, *A Caseira e a Catarina* era a única peça que se encontrava rigorosamente inédita”.

A obra teatral de Ariano completa-se, no quarto volume, apresentado por Luís Reis, com as três traduções realizadas por Ariano, já citadas, e que também permaneciam inéditas. De acordo com Carlos, “a tradução de *Les Fourberies de Scapin*, de Molière (1622-1673), foi, possivelmente, a primeira a ser realizada no Brasil, uma vez que antecede à célebre tradução de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), *Artimanhas de Scapino*, de 1962”.

Retornando à preocupação inicial do artista Manuel Dantas Suassuna, e, de certa maneira, parafraseando as considerações finais de Carlos, no texto de apresentação, o *Teatro Completo de Ariano Suassuna* revela a verdadeira profundidade do mergulho dado pelo autor na alma brasileira, e o conhecimento que adquiriu, e que por meio de sua obra partilha, talvez seja a ferramenta que o povo necessita, para compreender e defender o Brasil. ■



Ariano e Carlos Newton Júnior, organizador da obra teatral completa do autor paraibano

TEATRO COMPLETO DE ARIANO SUASSUNA

Comédias - Volume I

Apresentação Braulio Tavares

Auto da Compadecida (1955)

O Casamento Suspeitoso (1957)

O Santo e a Porca (1957)

A Pena e a Lei (1959)

Farsa da Boa Preguiça (1960)

As Conchambranças de Quaderna (1987)

Tragédias - Volume II

Apresentação Alexei Bueno

Uma Mulher Vestida de Sol (1947-1958)

O Desertor de Princesa (1948-1958)

Os Homens de Barro (1949-2003)

Auto de João da Cruz (1950)
O Arco Desolado (1952)

Entremezes - Volume III

Apresentação Idelette Muzart

Fonseca dos Santos

Entremeios Ligeiros

O Castigo da Soberba (1953)

Um Natal Perfeito (1957)

O Seguro (1957)

O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna (1958)

O Marido Domado (1961)

Entremeios Demorosos

Torturas de um Coração (1951)

O Rico Avarento (1954)

A Caseira e a Catarina (1961)

A História do Amor de Romeu e Julieta (1996)

Teatro Traduzido - Volume IV

Apresentação Luís Reis

Antígona, de Sófocles

A Panela, de Plauto

As Trapaças de Escapim, de Molière

William Costa, 58 anos, é jornalista e escritor. É colunista e editorialista do jornal *A União*, onde também exerce a função de editor do “Correio das Artes”. Em 2017 lançou *Para tocar tuas mãos - Chronesis* (Ideia), no qual reúne textos que transitam entre a crônica, o conto e a prosa poética. Natural de Campina Grande, mora em João Pessoa (PB).

Da obra à vida e da vida à obra:

UMA BIOGRAFIA DE JOSÉ SARAMAGO



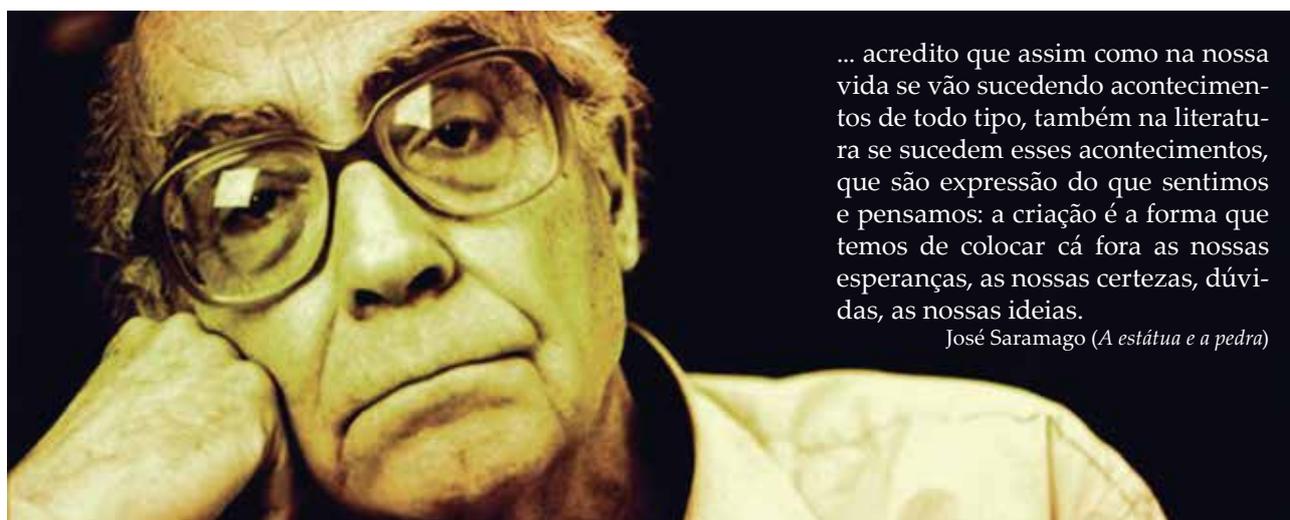
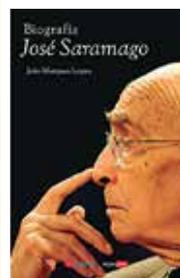
Apreciar uma obra de arte, desvinculando-a da história de vida daquele que a assina, pode criar uma aura, um mistério que coloca o espectador e, no caso específico da literatura, o leitor, numa posição de suposta neutralidade dado o caráter específico da influência que a história de vida do autor exerce sobre a obra que cria. Afinal esperamos de uma obra revolucionária que seu autor também o seja na vida que vive. Lembremos, por exemplo, do cineasta dinamarquês Lars Von Trier que, numa edição do Festival de Cannes, declarou-se nazista. Se de fato é ou não, importa para o debate? Importa,

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



João Marques Lopes escreveu *Biografia de José Saramago orientando-se por princípios éticos*

pois se trata de uma declaração que choca, que decepciona o seu público, dado o absurdo que há numa declaração como esta. Mas como pode um nazista fazer um filme como *Manderlay*? Esses questionamentos perpassam a apreciação que fazemos das obras porque não há como negar: toda obra surge em um contexto histórico que marca profundamente o sujeito que a assina. Parece mesmo correto afirmar que não há como dissociar essas duas instâncias: obra e autor. Em casos específicos, pode-se, até, fechar os olhos para a pessoa que a cria. Noutros casos, o criador faz questão de insurgir na e



... acredito que assim como na nossa vida se vão sucedendo acontecimentos de todo tipo, também na literatura se sucedem esses acontecimentos, que são expressão do que sentimos e pensamos: a criação é a forma que temos de colocar cá fora as nossas esperanças, as nossas certezas, dúvidas, as nossas ideias.

José Saramago (*A estátua e a pedra*)

▶ pela obra que cria. Ingmar Bergman, para citar outro exemplo do cinema, faz parte desse rol de criadores, conforme se apresenta no documentário recém lançado no Brasil sobre sua vida e obra: *Bergman, 100 anos*. Em linhas gerais, os filmes de Bergman são representações diretas da sua vida.

Falar de José Saramago implica, necessariamente, falar de temas que dizem respeito às posturas de um homem diante da vida. É falar de ética, de humanismo, de direitos e de deveres humanos, de política, de sociologia, de filosofia e, sobretudo, de literatura. Em José Saramago, testemunhamos, seja pela sua produção literária, seja na forma como conduziu sua cidadania, numa militância conhecida por seu leitor por meio de entrevistas e artigos que publicou, uma argumentação marcada pela coerência e por um compromisso com os problemas do mundo, que são os problemas do ser humano, cabendo, assim, àquele que investe numa sua biografia, esse mesmo compromisso. João Marques Lopes demonstra que firmou esse trato, quando se debruçou sobre a vida e a obra do escritor português, estabelecendo uma valoração do espaço biográfico e de sua indissociabilidade de uma ética: ética na forma que o biógrafo conduz a sua narrativa; ética como tema que perpassa a narrativa e a vida do biografado. Sobre ética e sua indissociabilidade no espaço que a biografia ocupa no mundo contemporâneo, a pesquisadora argentina Leonor Arfugh auxilia no debate quando afirma o seguinte: *el espacio biografico, tal como lo concebimos, no solamente alimentara 'el mito del yo' como exaltacion narcisistica o voyeurismo - tonalidades presentes sin duda en muchas de sus formas -, sino que operara, prioritariamente, como orden narrativo y orientacion etica, en esa modelizacion de habitos, costumbres, sentimientos y practicas que es constitutiva del orden social*¹.

Foi a partir de uma orientação ética que João Marques Lopes escreveu *Biografia de José Saramago*². Para trilhar o seu

caminho, Lopes lança mão de uma forma mais ensaística do que mesmo biográfica, em que obra e vida são apresentadas numa relação intrínseca e dialética, supostamente sem prejuízo para aqueles que não conhecem a obra de Saramago. Noutras palavras: vida e obra nessa biografia são duas instâncias que se retroalimentam, conduzindo o leitor para uma compreensão mais ampla do pensamento que foi (e continua sendo) do ser humano José Saramago.

O livro é composto por dez capítulos que obedecem a uma cronologia, comum aos textos biográficos. Mas essa cronologia não segue uma linearidade fixa. A flexibilização dos tempos da vida de Saramago, a partir das obras que escreveu, é um dos pontos altos dessa biografia. Em todos os capítulos, Lopes se apropria de trechos de obras de Saramago para traçar um caminho biográfico constituído de idas e voltas, o que torna muito interessante a sua narrativa ensaística. Algumas dessas obras, como os *Cadernos de Lanzarote* e *Pequenas Memórias*, por exemplo, são um prato cheio nas mãos do biógrafo que se apropria de dados da vida que Saramago apresenta em suas memórias, que esclarecem e/ou ilustram, em alguma medida, tanto a vida quanto a obra do escritor. Trata-se, portanto, de uma questão de método de pesquisa e de escrita; uma metodologia que resulta na construção de uma tessitura, cujas linhas se cruzam e se entrecruzam. E isso é possível não só porque a própria obra de Saramago permite, mas porque se trata de um biógrafo que estuda literatura e, portanto, conhece com profundidade a crítica, a teoria e a história da literatura portuguesa.

Nos capítulos que trata, por exemplo, de *Levantado do chão*, romance que inaugura o estilo saramaguiano; de *Ensaio sobre a cegueira*, que abre caminho para "o ciclo da alegoria"; de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, motivo do exílio entre aspas; etc., e como

forma de contextualizar o leitor, Lopes faz resenhas críticas dos romances, em que apresenta sua análise-interpretação das obras com um certo nível de detalhamento, o que demonstra seu envolvimento com a obra de Saramago. Isso reitera a ideia de que não se trata meramente de uma biografia no conceito comumente conhecido que explica o gênero, mas de um ensaio sobre a obra e que toca em questões da vida de José Saramago, numa via de mão dupla, podendo, também, ser lido como um movimento contrário: um ensaio sobre a vida e que toca na obra do escritor. Desde a infância em Azinhaga, passando pela adolescência numa escola técnica, a atividade no jornal, a formação e seu ativismo político (do "instinto de classe" à consciência), as atividades de cronista e de crítico literário, a relação com Ilda Reis e, posteriormente, com Pilar del Rio, os prêmios, João Marques Lopes passeia por essas informações que engendram a história de vida do escritor à sua composição literária e vice-versa.

Para além dessa interessante forma de biografar uma vida, vale destacar a seleção que Lopes faz dos temas sobre os quais discute e apresenta acerca da obra e da vida de Saramago. Por exemplo, Lopes dá ênfase à contribuição de Saramago para os estudos literários, como foram, por exemplo, e guardadas as devidas diferenças, romancistas do século XIX que, ao se mostrarem inquietos pela busca e afirmação de um estilo, também contribuíram para a formação de uma teoria do romance.

Lopes lembra, assim, do incômodo de Saramago com as discussões teóricas sobre o narrador como figura criada pelo autor, o que o levou a defender a ideia de que, ao se dissociar essas categorias, incorre-se numa abdicação da responsabilidade do autor pelo que escreve. Sobre este assunto, vejamos as palavras de Saramago, publicadas num artigo da Revista Cult de dezembro de 1998: *O que o autor vai narrando* ▶

› nos seus livros é, tão-somente, a sua história pessoal. Não o relato da sua vida, não a sua biografia, quantas vezes anódina, quantas vezes desinteressante, mas uma outra, a secreta, a profunda, a labiríntica, aquela que com o seu próprio nome dificilmente ousaria ou saberia contar. Talvez porque o que há de grande em cada ser humano seja demasiado grande para caber nas palavras com que ele a si mesmo se define e nas sucessivas figuras de si mesmo que povoam um passado que não é apenas seu, e por isso lhe escapará sempre que tentar isolá-lo e isolar-se nele. Talvez, também, porque aquilo em que somos mesquinhos e pequenos é a tal ponto comum que nada de novo poderia ensinar a esse outro ser pequeno e grande que é o leitor³.

É, portanto, apresentando mais detalhadamente esse ponto do pensamento e da vida de Saramago, que Lopes fecha a sua biografia. No tópico intitulado “Cadernos de Lanzarote”, investe numa apresentação do Nobel da Literatura como um escritor que refletiu sobre o gênero romance, contribuindo, assim, para uma teoria. Nas palavras do biógrafo, tratam-se de *prolegômenos para uma outra teoria da literatura*, apresentados nos cinco volumes que somam os diários de Saramago, intitulados *Cadernos de Lanzarote*.

Fazer uma incursão nas reflexões do biografado sobre seu próprio fazer literário, ou seja, vislumbrar em Saramago reflexões que contribuem para uma teoria da literatura, num texto que, supostamente pelo gênero a que se associa (biografia) poderia se limitar, conforme diz Arfugh, a ‘*el mito del yo*’ como *exaltacion narcisística o voyeurismo*, constitui um ponto alto do texto de Lopes. Vejamos nas palavras do biógrafo: *A pós-modernidade do fragmento, da pluralidade e da indeterminação esvai-se numa proposta de ‘suma’ ficcional dotada de mundivisão globali-*



O livro de Lopes também pode ser lido como um ensaio sobre a vida, mas que toca na obra de Saramago

zante. A autarcia textual do narrador transmuta-se na figura do Autor, a um tempo voz colectiva e individual de materiais em muito além da mera intra-textualidade. O Autor e as suas obras estão comprometidos com a história e a sociedade, pois não são meras instâncias estéticas de mundos compartimentados e, nas suas próprias formas artísticas, caminham para mais e melhor conhecer e transformar quem somos. No fundo, o escritor parece retomar para a teoria do romance um certo marxismo no sentido em que a perspectiva enquanto totalidade crítica e transformadora, estética e social, sem optimismos fáceis e sem partidarismos que não sejam os da descrença na estabilidade

existente. Seja ou não impertinente, aqui fica esta pista sobre as reflexões narratológicas de Saramago.

Talvez não seja um risco afirmar que essa postura se deva, também, aos estudos que o pesquisador desenvolve sobre literatura, com pesquisas, por exemplo, sobre recepção leitora, inclusive em obras de escritores brasileiros, como Lima Barreto. Talvez sua dedicação ao campo da literatura contribua para a forma que Lopes deu ao seu ensaio-biográfico, que, obviamente, não dá conta de toda a vida e obra de Saramago. Mas, também, e provavelmente, esta não foi a intenção primordial do biógrafo e nem precisava ser. Os vazios podem perfeitamente ser preenchidos com reflexões a que o leitor é conduzido a cada momento do texto em que se depara com um detalhe de Saramago, que o coloca no rol dos seres humanos mais importantes deste planeta, sobretudo pelo pensamento que construiu sobre o contemporâneo.

Noutras palavras, José Saramago é desses autores que nos fazem pensar com alto grau de profundidade, seja por meio de seus romances, espaço primordial de sua fabulação, seja por meio de seus depoimentos, em entrevistas e artigos publicados em jornais e revistas de diversos países, sobre as questões da sociedade contemporânea em seus aspectos factuais. João Marques Lopes, ao biografá-lo, reitera esse lugar epistêmico de Saramago, quando analisa e interpreta o pensamento de Saramago numa tessitura ensaístico-biográfica que articula um caminho da obra à vida do biografado e vice-versa, provocando no leitor uma reflexão sobre a (im)possibilidade da dissociação da obra e da história de vida de seu criador. ✦

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

¹ ARFUGH, Leonor. El espacio biografico: dilemas de la subjetividade contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007, p. 23.

² LOPES, João Marques. Biografia de José Saramago. Lisboa: Guerra e Paz, 2011.

³ SARAMAGO, José. O autor como narrador. Revista Cult. Dezembro de 1998. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/47342194/Jose-Saramago-Revista-Cult-17>>

O CENTENÁRIO DE **Jacob do Bandolim,** o atemporal

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Para Adeildo Pereira, com afeto.

Há cem anos nascia no Rio de Janeiro aquele que viria a ser seguramente um dos maiores e mais completos músicos da história da *Música Popular Brasileira*: Jacob Pick Bittencourt ou simplesmente Jacob do Bandolim, código onomástico sinônimo de respeito e talento em dimensão incomparável e superior.

Para o historiador da música Brasileira Sérgio Cabral, o pai, Jacob do Bandolim é o maior músico brasileiro de todos os tempos, aquele que, no manuseio do instrumento que o consagrou para além das fronteiras nacionais, atingiu as culminâncias da perfeição. Jacob do Bandolim não era apenas dotado de técnica apurada na execução do bandolim, realidade sobrantermente observada por tantos quantos conviveram com o rigoroso e genial mestre do choro brasileiro. Era, sobretudo, sentimento, alma e coração, derramados como bálsamos de ternura e beleza, nas cordas do bandolim, nas quais ele se consumia e se consumava, e das quais extraía melodias e sons que nos comoviam, e comovem, até as lágrimas.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Jacob Pick Bittencourt, mais conhecido como Jacob do Bandolim, nasceu no Rio de Janeiro (14 de fevereiro de 1918) e faleceu na mesma cidade (13 de agosto de 1969)

Assim era Jacob do Bandolim, artista inigualável, para quem o bandolim era uma extensão do seu corpo, e o choro, diria Machado de Assis, uma espécie de segunda alma.

Exigente ao extremo, tanto consigo mesmo quanto com os músicos com os quais conviveu ao longo de uma curta cronologia feita de apenas cinquenta e um anos de idade, Jacob do Bandolim tinha o choro na conta de um gênero musical da mais alta importância, uma expressão do que havia de mais genuíno na cultura do povo brasileiro, daí ter sido ele, em simultaneidade com o músico paradigmático, um pesquisador incansável, sempre preocupado com o destino do choro em nosso país, país esse sempre pródigo em desprestigiar a memória dos nossos vultos mais significativos, em quaisquer que sejam as áreas em que atuam.

Uma das maiores e mais indesculpáveis provas da desmemória nacional para com as nossas expressões culturais mais relevantes é que, tendo se apresentado em praticamente todas as grandes empresas de televisão da época em que viveu, não há um único re- ▶

gistro da imagem do mestre Jacob do Bandolim tocando com os regionais que comandou, notadamente, o Época de Ouro, o lendário regional que congregou expoências do porte de Meira, Carlinhos, Jonas, Cesar, Jorginho do Pandeiro, Jorge do cavaquinho, e um mito chamado Dino de sete cordas.

Para não dizer que não há uma única imagem do grandioso músico brasileiro, conseguiram recuperar uma de mil novecentos e cinquenta e quatro, quando, em São Paulo, o criador de *Noites Cariocas* recebeu o prêmio de melhor músico brasileiro. E, o pior de tudo, é saber que inúmeros rolos de fita das gravações inúmeras feitas por Jacob do Bandolim numa das emissoras na qual ele se apresentava recorrentemente, foram desgravados, colocando-se, em seu lugar, comerciais de eletrodomésticos.

Nada mais eloquente para demonstrar a forma iníqua como a cultura brasileira é tratada. Pesquisador emérito, Jacob do Bandolim fez do choro a matéria privilegiada do seu canto, o indelével corpus do seu obsessivo e apaixonado estudo. Por esse patamar, Jacob do Bandolim, com incomum generosidade, valorizou muitos músicos, ao resgatar as suas contribuições, livrando-os de cair na vala da deslembração radical.

Outra faceta do grande Jacob do Bandolim radicou na sua condição de compositor extraordinário, autor de peças que já foram, definitivamente, inseridas na categoria de clássicos eternos do choro nacional. Na realidade, é muito difícil identificar um choro de Jacob do Bandolim que não seja envolto pelo manto da pura e tocante beleza.

Em todos os choros que compôs, Jacob do Bandolim imprimiu o selo da sua singular intuição, compondo melodias cheias de encantamento, tudo acumpliado a uma riqueza rítmica e harmônica simplesmente extraordinária. Citar algumas dessas peças há de se configurar num exercício ocioso, mas corro o risco de fazê-lo, porque há peças de Jacob do Bandolim que são, indubitavel-



São da autoria de Jacob do Bandolim clássicos do choro, como "Vibrações", "Doce de Coco", "Dolente", "Assanhado" e "Receita de Samba"

mente, emblemáticas e tocadas pelo selo da imortalidade.

Começo por aquele que reputo o mais belo choro da numerosa e multiplicada criação musical de Jacob do Bandolim: o choro *Vibrações*, aliás, título do último disco gravado pelo mestre, e por muitos considerado o maior disco de choro já gravado no Brasil. Portadora de uma maviosidade sem igual, *Vibrações* revela todo o virtuosismo de um intérprete que era, sobretudo, emoção. Outro choro belíssimo do mestre Jacob é *Entre mil Você*, cujo andamento lento e lírico vai a pouco e pouco atingindo as mais íntimas fímbrias da alma, numa canção que se tingiu de uma tonalidade acentuadamente confessional, típica de uma efetiva declaração de amor.

Outro choro fantástico de Jacob do Bandolim chama-se *Dolente*, cujas notas e encaminhamento rítmico realçam toda a atmosfera plangente pressuposta e sugerida pelo título. O choro *Noites Cariocas* é a cartografia exata do toda a picardia e o molejo do cidadão do Rio de Janeiro, a eterna *Cidade Maravilhosa*, a única que convive com o permanente abraço trocado entre o mar, a montanha e a cidade.

Censurado certa feita por críticos obtusos que o chamaram de chorão quadrado, talvez por causa do seu infrangível compromisso com o choro tocado em toda a sua pureza de execução, sem malabarismos desnecessários ou virtuosismos estéreis, Jacob do Bandolim respondeu com

a criação de um choro belíssimo em sua congênita sinuosidade composicional chamado *Remexido*, dentre outros igualmente inovadores em seus peculiares arranjos, a exemplo de *Gostoso*, *Bole Bole*, verdadeiras joias raras do inesgotável tesouro musical do mestre Jacob do Bandolim.

A arte bandolinística de Jacob do Bandolim consorciava perícia técnica invejável com o cultivo da improvisação mais espontânea, que o levava, conforme depoimento dos músicos que conviviam com o grande mestre, a executar uma mesma melodia das mais variadas formas, sempre tendo no cultivo do sentimento mais autêntico, o ponto de partida e de chegada das suas sempre magistrais interpretações.

Extremamente severo consigo mesmo e assumidamente perfeccionista, "seu temperamento era sujeito a chuvas e trovoadas, entremeadas por relâmpagos e trovões, desses estrugidores. Mas, sejamos justos, eram habitualmente seguidas de um grande arco-íris que denunciava o tamanho da tempestade, quase sempre passageira", conforme depoimento de Hermínio Belo de Carvalho, parceiro musical, discípulo e amigo-irmão de Jacob do Bandolim.

Em suma, todas as homenagens que forem prestadas a Jacob do Bandolim, no ano em que se rememora, comemora e celebra o seu centenário de nascimento, são ditadas por um categórico imperativo de reconhecimento do enorme legado que o criador do antológico choro *Doce de Coco* deixou para a música brasileira.

Há um clássico conto de Machado de Assis intitulado *Verba Testamentária*, no qual em dado momento o narrador afirma que "esquecer é uma necessidade". Se "esquecer é uma necessidade", lembrar é um ato de resistência ética. Aqui residem os fundamentos da minha lembrança de Jacob do Bandolim, o atemporal. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

Denise Emmer

DOS ASTROS E ESTRELAS AO
CENTRO E CAUSA DE TUDO:
A POESIA

Da Redação

A poeta e musicista Denise Emmer, 60 anos, nasceu e mora no Rio de Janeiro (RJ), base de uma produção artística - marcada pelo talento e a diversidade - que inclui, principalmente, música (ela canta, compõe e toca violoncelo) e literatura, com destaque para a poesia, reunida em discos e livros, boa parte deles aclamados pela crítica. Basta lembrar que ela é vencedora de importantes prêmios literários, tais como Prêmio ABL de Poesia (Academia Brasileira de Letras), Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), Prêmio José Martí (Unesco) e Prêmio PEN Club do Brasil (poesia e romance). O livro *Lampadário* (7Letras, poesia, 2008, com prefácio de Alexei Bueno), por exemplo, para publicação em Portugal, recebeu os Prêmios ABL de Poesia e Cecília Meireles (UBE). Participou de relevantes antologias da

poesia brasileira, bem como das revistas *Califórnia College of the at Eleven Eleven* (EUA), *Newspaper Surreal Poets* (EUA) e *Revista da Poesia*, Metin Cengiz (Turquia). É bacharela em Física e Música (violoncelo). Compositora, com vários CDs gravados, também integra, como violoncelista, orquestras e grupos de câmara. Apesar da versátil personalidade, a essência de sua criação, é, fundamentalmente, a poesia. No depoimento a seguir, dado com exclusividade, para o "Correio das Artes", por intermédio do poeta Sérgio de Castro Pinto, Denise revela fatos que estão na origem de sua trajetória artística, ilustrados com poemas de seu livro mais recente, *Discurso para Desertos* (Escrituras, 2018).

"O meu primeiro poema foi dedicado ao meu pequeno irmão morto. Tão prematura morte aquela, nos seus dois anos e meio de vida, quando os céus assim decidiram que um anjo deveria nascer e um menino morrer. Eu, na incipiente compreensão dos dez anos de idade, calei-me e chorei a partida de Marcos em versos advindos da dor e do espanto. E, escrevi o meu primeiro poema de nome longo e estrofes sem freio. *"Agora. Somente Agora. Narrativa da Morte" A luz pálida, fumaça nos olhos/o corredor de incertezas/a cabeça longe e dolorida./ Megera angústia, espera a dor/O tempo na escada/ meu corpo que espera e cansa e não chora/*. Nessas "frases", eu contava em rudimentar poesia, os momentos em que esperava no salão do Hospital Policlínica de Botafogo, alguma notícia de meu irmão, que entrara por corredores de labirintos impenetráveis e lá ficara, por um tempo que eu jamais soube dimensionar.

... e o olhar se perde fitando a morte/ que de megera angústia / chega a dor...

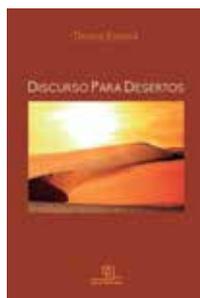
Foi quando meu pai surgiu no alto de uma imensa escada e nos revelou - Marquinhos morreu...

Guardei o poema na gaveta de ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Denise Emmer reuniu novos poemas em Discurso para Desertos (Escrituras, 2018)



► minha escrivanhinha de menina e, depois, vieram outros e outros, sempre tristes, desapontados, prematuramente profundos em especulações sobre a existência, os astros que observava do telhado, as paixões por homens mais velhos que me colocavam em estado platônico permanente. Tantos motivos para escrever, já que alguns segredos, não revelava. Só ao meu caderno repleto de rabiscos, ensaios, rudimentos poéticos preenchendo as páginas companheiras, solidárias de minha dor juvenil.

Minha mãe era uma mulher desesperada, quase a beira da loucura. Muitas vezes, papai e vovó a seguravam para que não estourasse a cabeça contra a parede, a gritar para o nada, e, em vão, o nome de seu filho morto. A consciência de que nunca mais o veria, nunca o teria no colo, no beijo, nunca mais sentiria o seu cheiro de talco, nunca mais pentearia os seus cabelos dourados, nunca mais calçaria seus sapatinhos, suas roupas graciosas, nunca mais ouviria sua voz de criança a brincar na chuva e no sol e na lua e na varanda de nossa casa triste.

A samambaia chorava seus galhos sobre o chão noturno do quintal. Eu me debruçava na janela do quarto de vovó Alice para sentir o vento no rosto, o balançar das folhas da velha árvore. E, dessa forma, correr com a ventania para outros mundos.

Ao lado de minha mãe, eu subia as escadas cinzentas e empoeiradas que nos levavam ao túmulo de Marcos. Uma vez por semana íamos as duas ao cemitério para cobrir com flores a laje branca e fria e distante, fazendo-nos caminhar por entre as alamedas das tantas lápides esquecidas. Ela não dizia, mas me chamava em silêncio para que a acompanhasse sempre e sempre... um vento surdo nos seguia, enquanto os lagartos das pedras corriam assustados. Frente ao túmulo de Marcos Plínio Emmer Dias Gomes, ajoelhávamos. Ela retirava as flores velhas da semana anterior, até deixar a superfície limpa como um berço, substituindo-as pelas novas. Uma por uma, com zelo, como se estivesse

trocando a fronha do travesseiro ou o lençol ou mesmo a manta. Esse ritual repetiu-se durante muitos anos, até a adolescência, quando as sinistras visitas foram se espaçando e eu comecei então a subir montanhas.

Já contava com um bom número de rabiscos poéticos, escritos em vários cadernos ainda abrigados nas gavetas. A poesia, eu só revelava nas letras das estranhas canções que compunha e cantava sem timidez para quem quer que fosse. Falava pouco, mas cantava o que não verbalizava. Era o bastante.

Um amigo de meu pai era especialmente atencioso comigo. Eu o achava um dos maiores poetas do mundo, e, foi para ele, o editor e poeta Moacyr Félix, que mostrei meus poemas secretos. Bem, ele não somente fez largos elogios, como revelou solenemente ao meu pai que ele tinha uma filha poeta!

Além de Cecília Meireles, Drummond, Castro Alves, que eu conheci nas aulas de literatura – e os amava – ele, Moacyr, apresentou-me a outros tantos, tais como Rilke, Maiakosvski, Cabral, Murilo Mendes... grandes mestres da beleza da palavra. Confiante que eu seguiria sempre em minha vida com a poesia, ele selecionou os melhores versos, dentre tantos rudimentos, e publicou através da Editora Paz & Terra, 1975, na qual era o editor, o meu primeiro livro com título idealizado por mim e aprovado por ele: *Geração Estrela*. Dois poemas do livro, escritos entre os meus 11 a 16 anos:

QUARTETOS ORIENTAIS (5)

*Um turbilhão de gritos desabou na madrugada
a guerra, o fogo, o velho gemendo
mas se silenciarmos
ouviremos o murmúrio das árvores crescendo.*

PROPORÇÃO

*O salto da pedra no vácuo
está para o derradeiro infinito
abismo cósmico
assim como
o salto do homem no mundo
está para a lenta intransponível
solidão humana.*

Eu amava as estrelas, o universo com seus inesgotáveis infinitos. Meu professor de matemática e astrônomo, Ronaldo Perseke, improvisou um observatório na varanda que ficava sobre o escritório de meu pai, de quem ganhei um telescópio que aumentava duzentas vezes! Durante o dia, na escola, eu controlava o tempo a ver se a noite seria favorável para minhas observações. Céu limpo, sem nuvens, atmosfera leve de clima frio. Estas, as condições ideais para que eu pudesse viajar pelo espaço. E viajava. Das estrelas duplas da constelação do Centauro, às formações empoeiradas da Via Láctea. Sabia as posições de todas as constelações, o horário e localização de suas estrelas através do movimento de rotação. Aguardava na madrugada a chegada de um planeta, os aglomerados das Plêiades, e, ainda Orion e Escorpião, que nunca se encontravam para que não eclodisse uma guerra no céu. Queria ser astrônoma, mas entrei para a faculdade de Física.

Por tanto estudar a matemática, a geometria, o cálculo infinitesimal, a trigonometria, e, as variações múltiplas da física, dei um hiato de alguns anos na poesia. Não havia lugar em minha mente para ela. Apenas em minha alma, que guardava sem que eu soubesse, a minha própria poética futura, advinda do micro cosmo familiar e do macro cosmo da beleza das esferas.

E foi após a formatura com um ano de estágio no Observatório Nacional do Rio de Janeiro, e outro na pesquisa da Energia Solar na Universidade Santa Úrsula, que eu compreendi que a minha vocação para a ciência era mero romantismo ou talvez fuga, e, para tristeza de meus pais, eu abandonei tudo para me dedicar ao que de fato seria a minha real vocação. A música e a poesia.

Poemas e canções jorravam como água.

A primeira estrofe do poema “O sistema solar”, vem dizer que o estudo da física e dos astros não fora em vão: ►



- ▶ *Foi no desdobrar do sexo da estrela
Outra luz que veio repartiu-se em ondas
Elípticas e claras nove pontarias
Pariu-se a cor do mundo em nove candeeiros
O brilho veio como se soubesse
Ser deste sol o brilho coração primeiro
E já engatinhando pelas labaredas
Na rotação estranha de um Mercúrio.*

Do livro *A equação da noite* (Philobliblion, 1985), com prefácio do ensaísta/poeta Pedro Lyra, que afirma (...) no seu quarto livro, desejo e espero que Denise comece a firmar seu lugar na história da nossa poesia (...). Este, um poema sobre a formação do sistema solar no qual cada estrofe descreve um planeta, através das explosões cósmicas primeiras. A voz do princípio do tudo, sempre a perscrutar o ininteligível.

O poema título, foi escrito para minha mãe, morta em 1983. A primeira estrofe conta o exato momento em que seu féretro saiu do Theatro Municipal e, levado por populares, subiu ao céu azul de uma manhã de quase verão. Neste instante, eu, meu pai e meus irmãos, em prantos nos abraçamos num hermétrico círculo.

*E te acenaram os mendigos balaústres
Quando teu lustre partiu entre edifícios
Mais que o planeta a rotação do disco
Levantava a clara saia das florestas
A solidão é uma aresta, respira como um círculo
Uma casa fica no asfalto da noite
O que abraçará meu pai senão o frio
Senão a magra árvore de um quarto?*

E veio o momento mais belo da vida, quando carregando no cerne de meu corpo um outro ser - plena e absoluta como um astro - grávida, eu flutuei sobre o mundo. Abria então o quinto livro *Ponto Zero* (Globo, 1987), com prefácio de Antonio Houaiss - com um longo poema em dísticos, escrito para o meu filho ainda em formação no ventre, "A lâmpada mágica", que abaixo transcrevo alguns versos:

AO MEU FILHO ARTHUR

*Vives em mim e tenho mais que uma alma
Sinto que escrevo um outro movimento
Flor que invento estranha e pulsante
Semblante mágico e aceso
Tenho-te preso planeta por um fio
Sou teu céu e cio, tua luz marítima
Meu ventre escuro de pão e de argila
É tua breve casa numa clara ilha
(...)
Alisar o ventre na expansão do acaso
Universo em crescimento e fruto
Que além de mim e do invisível, escuto
Acomodar-se peixe entre os colchões da noite (...)*

Não fosse eu, dona de uma personalidade eclética e variável, com outras vocações ou *obsessões* (como diz o crítico e poeta Wladimir Saldanha, em recente resenha crítica sobre *Discurso para Desertos* (Escrituras, 2018), para as quais haveria de me dedicar, e dividir-me entre ser isso ou aquilo, talvez tivesse dado mais atenção àquela que era o centro e causa de tudo. A poesia.

E a saudosa romancista maior, Rachel de Queiroz, também me fala em prefácio para *Teatro dos Elementos & outros poemas* (7letras, 1993): (...) Ah Denise, você não precisa de prefácios. Precisa que a gente lhe dê um beijo e um abraço, na alegria de redescobrir, por sua mão, que a poesia existe mesmo, que não se foi embora com os poetas mortos, não se esterilizou nas fórmulas mal inventadas ou nas novidades que já nascem peremptas. (...).

Da música, do violoncelo, da canção, da astronomia, da montanha. Ser muitas e nada ser, talvez. E, assim, finalizo com um poema de meu último livro *Discurso para Desertos*, onde me defino como a indefinição ou a constatação de que a Poesia é a estrela que me rege como signo:

GEMINUS SIGNUM

*Minha translação no mundo efemérides
Não modifica o tanto que suponho
As rugas não vincam a testa não transtorna
Apenas reduz o tempo dos meus sonhos*

*E se já fiz o tudo que suponho
Eu jamais soube qual das almas que seria
Múltiplas faces rios e denises
Todas me dizem possuintes dos meus ânimos
No plano etéreo o gemini signo me controla
E me transforma num parágrafo a cada dia
Se ora naufrago agora euforia
Ou estrangeira em minhas próprias cercanias*

*Se um dia acordo a águia arguta aventureira
Noutro sou música arco e lira me traduzem
Se estranhas luzes descubro ao longe todavia
Serei poesia se por um dia ou vida inteira."*

Denise Emmer
9 de setembro de 2018 ✶

Ronaldo Monte

CRIATURA SOLIDÁRIA E ALEGRE,
CRIATIVA E ALADA

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

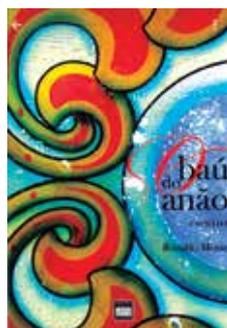
várias amizades feitas, de muito bom humor com as coisas da vida, sobretudo. Difícil encontrá-lo sem um sorriso no rosto, uma brincadeira nos lábios, um trocadilho poético. Sua partida enlutou a literatura brasileira, mas também deixou uma lacuna nas dezenas de amigos que construiu ao longo da vida.

Amigos como o poeta Lau Siqueira, que, como muitos, o tratava carinhosamente de "Rona". Lau não lembra exatamente quando conheceu o escritor. "Mas, lembro muito de uma convivência mais intensa anos atrás. Editamos juntos a primeira antologia do Clube do Conto, pela Funjope (Fundação Cultural de João Pessoa). Viajamos algumas vezes para Recife (a gráfica era de lá) para acompanhar a edição. Era sempre muito divertido. Ronaldo sempre foi uma companhia extremamente agradável. Lembro também de ter apresentado um dos seus livros, em lançamento na ex- ▶

Em texto publicado no site da Editora Autêntica, para divulgação de um livro infanto-juvenil, Ronaldo Monte assim se definiu: "Nasci em Maceió, Alagoas, onde escrevi meus primeiros poemas, aos dez anos de idade. Passei minha juventude no Recife, Pernambuco, onde trabalhei como redator de propaganda e me formei em Psicologia. Depois fui para João Pessoa lecionar na Universidade Federal da Paraíba. Além de escritor, sou psicanalista. Hoje, aposentado, moro em Cabedelo, uma cidade portuária perto de João Pessoa, com praias maravilhosas de mar calmo, muito bom para caminhar, tomar banho e pensar em novos textos".

Pensar novos textos, aliás, parece ter sido a tônica de Ronaldo Monte em vida. Ele morreu aos 71 anos, em João Pessoa, no último mês de agosto, mas deixou um legado de vários livros publicados, de

Ronaldo Monte (foto) deixou um importante legado literário, formado por livros como A paixão insone e O baú do anão



▶ tinta Livraria Cultura do Paço da Alfândega, em Recife”, recorda.

“A última vez que estive com ele – prossegue Lau –, foi na Bugada Arte Café, por ocasião do lançamento do seu último livro. O inusitado aconteceu. Os livros não chegaram. Mas, isso foi tratado com a alegria e leveza de sempre e o lançamento foi remarcado. Apesar de não nos vermos com tanta frequência nos últimos tempos, tínhamos uma afinidade e um carinho mútuo. Algo que me fazia muito bem. Impossível não se apaixonar por aquele poeta e sua querida Glorinha. Pessoa alegre, de bem com a vida. Espalhou alegria e boas conversas por onde passou. Excelente prosador, era essencialmente poeta. Um poeta atento às coisas simples, ao imperceptível, às contradições do mundo. Lírico ao extremo, não abria mão da musicalidade em seus versos (*Brisa, fim de tarde. Cheiro de maracujá! Talo de capim na minha boca...*), muitos deles musicados por Milton Dornellas. Um amigo inesquecível. Se foi muito cedo, deveria ter ficado mais entre nós. Um ser humano incrivelmente belo que soube viver com intensidade os seus dias. Faz uma falta enorme”, ressalta.

Outro poeta, Antônio Mariano, destaca que Ronaldo Monte, a exemplo de Maria Valéria Rezende, W. J. Solha, Astier Basílio, José Antônio Assunção e Rinaldo de Fernandes, nasceu fora da Paraíba, mas sua literatura se firmou neste Estado, especialmente na capital, onde ele residiu por 40 anos.

Para Mariano, Ronaldo escreveu livros em habilidades diversas, como poesia, conto, romance, crônica, sempre buscando a excelência. Entre eles, destaca os romances *Memória do fogo* (Objetiva), *Paixão insone* (Mombak), *O baú do anão* (EdUFPB) e o recém-lançado *Manual prático de desaparecimento* (Patuá), que, em texto para a orelha da obra, Mariano considera o melhor dele o melhor no gênero e um dos pontos altos das publicações da editora.

“Sobre Ronaldo como pessoa, grande amigo – acentua Mariano –, fica a perda de um dos maiores seres humanos com quem tive a honra de conviver. Parceiro da criação do Clube do Conto da Paraíba, ao lado de gente tão valorosa que partiu antes, Geraldo Maciel, Maria José Limeira, José Brendan Macdonald, Dôra Limeira e Waldir Pedrosa de Amorim, o suficiente para formar uma bela roda de leitura nos fins

de tarde de sábado na outra dimensão. Já que estamos ainda na literatura, vale afirmar que tínhamos em Ronaldo um leitor generoso, não desses das tapinhas nas costas, mas daquele das verdades, boa ou duras, que sempre acrescentava aos nossos verdes originais”.

Mariano esclarece ainda que Ronaldo Monte era uma pessoa com uma visão de mundo madura, refinada, crente fervoroso na sua espécie, utopia de que nunca abriu mão. “Amigo para qualquer circunstância, alegre ou dolorosa. Não há como não se emocionar com a bela cena da sua convivência em família, sua esposa e fidelíssima companheira Glória, os filhos Rajá, Iandê, Ana Lia, os quatro netos, todos tão amados”, pontua, emocionado.

“Escrevo para me destilar”, diz o subtítulo do Blog do Rona, que Ronaldo Monte manteve por 8 anos. “Nesses pouco mais de 20 anos de que privei de sua amizade, posso acrescentar que o cidadão Ronaldo Monte de Almeida, mais do que escrever, ensinar, clinicar, viveu para nos inundar de sua melhor essência, enfatiza Mariano.

Professor, poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho endossa, de certa forma, as palavras de Antônio Mariano. Para ele, Ronaldo Monte não foi apenas o psicanalista ético e competente, nem o professor disciplinado e pesquisador da UFPB, sempre atento às novidades cognitivas do universo da Psicologia e matérias afins, quer em escala acadêmica, quer nas esferas menos ortodoxas da sociedade. “Ronaldo Monte foi, no meu entendimento, sobretudo, um homem da palavra, um ser inteiramente voltado para os problemas da interpretação, fosse no campo mais restrito da clínica, fosse nos horizontes mais abertos da realidade, principalmente da realidade humana e estética”, completa.

Segundo Hildeberto, o Ronaldo poeta, de “Pelo canto dos olhos” e de “Tecelagem noturna”, se mostrou senhor de uma dicção medidamente apurada e de um lirismo que conjuga, no espaço mesmo de sua formação verbal, o fundo emotivo das coisas do mundo com uma atitude contida diante da palavra poética. No poeta, habitava o letrista de tantas canções luminosas em parceria com Milton Dornellas, Adeildo Vieira e outros que compõem o elenco refinado e afinado da música paraibana.

Mas ainda existe o Ronaldo escritor: romancista, contista e cro-

nista. *Memória curta, Memória do fogo* e *O baú do anão* respondem por sua trajetória ficcional, assim como *Pequeno caos* e, especialmente, sua participação no jornalismo cultural, garantem o sabor duradouro e instigante de seu crônica semanal.

Hildeberto observa que Ronaldo Monte, assim como Orlando Tejo, Sônia van Dijk e Severino Ramos, que também partiram recentemente, são criaturas aladas: “Suas palavras, no entanto ficam aqui, dando testemunho da vida que viveram e souberam enriquecer e ampliar”.

Palavras que são colhidas no vento pelos autores mais jovens também. O escritor Roberto Menezes é um deles. “Ronaldo tem uma grande história de vida que pude aproveitar um pouco dela quando comecei a frequentar o Clube do Conto da Paraíba em 2007, grupo literário que ele é um dos fundadores. Ronaldo pra mim sempre foi uma pessoa que eu me inspirava e ainda me inspira pra escrever. Seus conselhos foram muito importantes pra que eu melhorasse minha escrita, sempre insistindo que todo texto, não importa qual fosse, deve ser trabalhado buscando a excelência. Lamento muito a sua perda”, comenta.

Ronaldo Monte nasceu em 11 de julho de 1947, em Maceió. Escreveu os primeiros poemas aos dez anos e, um ano depois, foi morar no Recife, onde trabalhou como redator de propaganda e estudou psicologia. Em 1978, se mudou para João Pessoa para ensinar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Depois de se aposentar, foi morar em Cabedelo, Região Metropolitana de João Pessoa.

O último livro lançado foi *Manual prático de desaparecimento & Outros poemas*, no dia 18 de junho deste ano. Conforme o próprio autor, o livro reuniu poemas cuja temática principal é a morte, “mas não a vida após a morte ou simplesmente o medo dela, mas as experiências afetivas que a morte evoca em nós”. Ronaldo Monte deixou esposa, três filhos e quatro netos. ✖

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Nasceu em Cajazeiras (PB), onde reside. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do “Correio das Artes”. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

OS TEMPOS NARRATIVOS NA MAQUINARIA POÉTICA DE

Ronaldo Monte

Joana Belarmino

Especial para o *Correio das Artes*

A partida de um escritor, a partida de um poeta, nos põe em guarda, de sobreaviso, sua ausência permanente como que a nos ordenar que passemos aos seus livros, ao seu discurso, à sua maquinaria de narrar. Como se o silêncio nos impelisse a querer escutá-lo de novo, como se nesse ato de ler, pudéssemos, ao modo dos personagens dos contos de fada, sairmos à procura das migalhas, as quilhas de tempo, as paragens, os marcadores, as insinuações, os silêncios, a ironia fina ou divertida.

Quando soube da morte do poeta Ronaldo Monte ela já tinha se transformado em fato do mundo. Já era, por assim dizer, braçadas e braçadas de palavras, a compor o necrológio da sua partida nas latitudes das telas do facebook.

Rona tinha se evadido, e nos deixara entre mãos, na sua última obra, uma espécie de bússola, carta de navegação, um manual prático sobre o desaparecimento, essa espécie de obra aberta, onde ele levou até as últimas consequências, o artesanato de sentir essa partida, tocar nela como se fora uma germinação, um acontecimento, ora vago, ora pleno de iluminação.

Observem, ao final de cada poema, a data da sua escritura. As datas são aleatórias, escritos sobretudo dos anos noventa e das décadas mais recentes.

Como se ele nos tivesse deixado um jogo, uma trama. Aparecer, desaparecer, ocultar-se por entre as franjas do discurso, mos-

trar-se, o discurso como se fosse unha em carne viva, raspando a parede do entendimento.

Para forjar seu caleidoscópio, Rona foi buscar a poesia. A poesia e sua capacidade de estar nos mais ínfimos lugares, de emprestar seus véus, para as gradações do sentido, para experimentar a palavra feito pincel, desenho abstrato e vivo das coisas ditas.

Quando soube da morte do poeta, eu quis de pronto escutar sua voz. Eu tinha me despedido dele no silêncio do cemitério, o hálito das flores ainda frescas como testemunhas da minha tristeza. Queria escutar a sua voz, e vim para casa, deixar que ecoassem na sala vazia, os sons do seu *Manual prático de desaparecimento*.

Eu podia ter ido à sua casa, podia vasculhar suas coisas. Podia perguntar para Glória: - E aquele poema, quando ele escreveu? Era um dia chuvoso? Fazia sol?

Deixo-me ficar aqui, entre as páginas do seu manual, feito sonâmbula, a tentar resgatar os mo- ▶



mentos dessa escrita, buscando aspirar o tempo da sua própria feitura, tentando reencontrar o poeta a trabalhar, por entre o garimpar de palavras, o deletar de blocos inteiros de texto, o tocar forte numa nota de monotonia, o espicaçar de uma sílaba de tristeza.

Vou, ao modo de Umberto Eco, em sua obra *Seis passeios pelos bosques da ficção*, vagueando pela floresta narrativa do poeta, à cata dos tempos verbais, do tempo da leitura, das pausas, das fotografias narradas.

Como disse Eco, aqui há que se cultivar o “tempo da demora”, do passeio, do perder-se por entre essas linhas tão curtas, cada poema habitando menos de meia página, essas linhas a juntarem-se para nos contar coisas, para nos deixar encontrar pequenos presentes, escondidos em frestas esquecidas de sentido, revelações, nossas próprias emoções, nas entrelinhas do texto lido.

Desaparecimento, essa palavra tão necessária nos tempos que correm, incrustada num manual prático. E eis que de repente me dou conta. Rona não fala de si. Habitando o centro da linguagem, escolhendo palavras, Rona cinzela, burila, espreme os múltiplos sentidos de estarmos aqui, de sermos esse ajuntamento ordenado de células, órgãos, músculos, cartilagens, humores de toda ordem, e de havermos inventado esse mundo sensível, vago, fluido, onde somos a própria linguagem, multiplicando-se em escrita, leitura, silêncio, esse mundo impalpável que pode percutir em nós feito arame farpado, ou pode acordar nosso espírito para o êxtase e a alegria.

Não é de si que Rona fala no seu manual prático sobre o desaparecimento. Nem da morte. Como se preparasse a sua dose preferida, Rona agita palavras para experimentar seus sentidos, suas sonoridades, suas asperezas e doçuras.

Com paciência, disciplina, ou mesmo à pressa, em traços largos, Rona compõe uma longa sinfonia sobre a vida, sua concretude, seus abstratos, o ir e vir das coisas e dos seres, no centro ou nas franjas da linguagem.

É preciso voltar lentamente as páginas da narrativa de Ronaldo Monte. Pouco importará a cronologia. *Memórias do fogo, Paixão insone, Manual prático de Desaparecimento & Outros poemas*. Há que se fundir os tempos: o da escritura, o da leitura, os tempos da convivialidade e da partida.

Rona não se despediu de nós. O vazio das suas cartilagens, dos seus joelhos calcificados, o vazio da sua voz grave e calma, Rona foi preenchendo com a argamassa do texto.

O seu *Manual prático de desaparecimento* lança uma convocação, chama pelo leitor, porque ele nos deixou entre mãos, todo um trabalho a ser feito. O trabalho do leitor, essa espécie de trilha, que se fazia no momento mesmo em que ele se decidia por uma palavra, um cacho de palavras. Ler é assim, essa luta por se chegar ao fundo das coisas sem fundo.

Ler é inventar o frio de uma noite obscura, uma madrugada com cheiro de chuva, um silêncio a pino, uma bifurcação, por onde se sente a mão do escritor, a evanescer-se, a aparecer e desaparecer, enquanto atira para nós, uma ponte feita de palavras.

Contemplo o seu último poema, aquele que ele escolheu para o antes de fecharmos o livro. O ano é 2004. O dia é 6 de setembro. Não se sabe a que horas escreve o poema, tampouco se adivinha se essas curtas estocadas, criando a lentidão do tempo a passar, levaram tempo para serem escritas, ou vieram de chofre.

*Um tempo caudaloso enche o quarto,
encharcam-se de tempo minhas coisas
um tempo viscoso adere aos meus ossos
como carne
um tempo rugoso mascara minha face
Já não sou eu
É o tempo
No quarto
Nas coisas
Que passa*

Assiste-se, nesse último poema, a um Ronaldo Monte que vive plenamente a contemplação do tempo, tempo que passa, em si e nas coisas. É talvez porque já não podemos escutar sua voz, abrimos a esmo as páginas do livro, E, como num jogo de adivinhação, ele nos premia com o seu “Banquete de fantasmas”, tão belo, aqui o poeta vestido de sonho, a passear pela fricção das palavras, causando no seu ir e vir, um efeito espantosamente belo. Retenho aqui os versos:

*Quem sonha sabe que pode ver-se sem ser visto
Quem sonha sabe passear nos desvãos da matéria sem ferir-se
Quem sonha sabe
Que medo é sonho que teme as franjas*

Aqui é o poeta, o escritor, a nos entreabrir as comportas da sua ficção, a nos apresentar a tênue

e ao mesmo tempo forte argamassa da sua feitura: o sonho, o desprender-se, o ir ao fundo das coisas sem fundo.

O belo título do último livro de Ronaldo Monte, lançado duas vezes, da primeira, exercício de pura performance do desaparecimento do livro, os poemas como num cardápio, para que fossem saboreados pela plateia, iluminada pelo seu riso, o belo título não é senão, uma convocação ao leitor. Um convite a que se permita cada um a ir buscar sentidos na sua poesia, que não nos oferece lenços de despedida, mas pede que nos envolvamos calmamente em suas transparências, suas rudezas, a beleza da sua composição. Com brandura, ou quase a correr, Ronaldo nos empurra para o centro da matéria da sua ficção, o sonho sendo o deflagrador principal da sua poética.

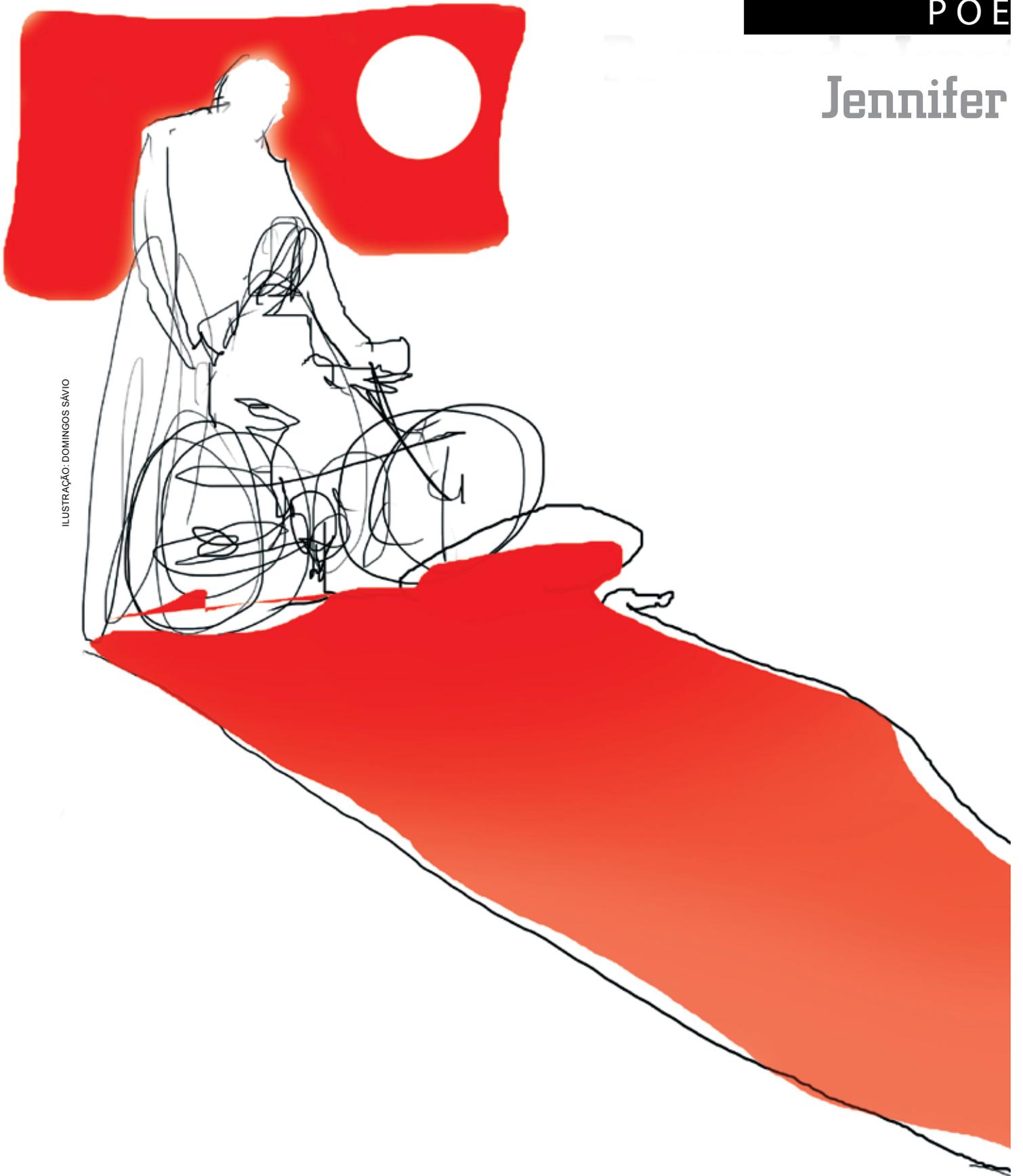
Falaremos ainda muito com o poeta, o escritor, o esfrelador de sílabas, de palavras, para vê-las saltarem na concha do dito, para vê-las, feito peças de lego, a construir vazios, silêncio, praia prenhe de vida, quarto com “Menina de noite”, sutilezas, muitas sutilezas, que o poeta escondia no seu riso franco, brincalhão.

Rona não teve mesmo tempo de se despedir, mas nos deixou toda uma imensa trilha aberta, tecida com a maquinaria da sua narrativa. É nessa trilha que reencontraremos os tempos do poeta, escutaremos sua voz, cujo som habita nossa memória; perseguiremos as longas pausas do seu texto aparentemente curto, viajaremos pelos seus cenários, percorreremos os desvãos da matéria sutil de sua escritura, e somente o que nos ferirá, é o agulhão da saudade. ❖

Joana Belarmino é jornalista, escritora, professora de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestra em Ciências Sociais, doutora em Comunicação e Semiótica, membro do Clube do Conto da Paraíba e colunista de **A União**. Mora em João Pessoa (PB).

Jennifer

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Jennifer Trajano é educadora e revisora textual, formada em Letras - habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Trajano

infância apodrecida

cresci ouvindo gatos
no telhado da casa
e fazendo as goteiras
inquietarem sonos

cresci ouvindo ratos
no telhado da casa
e sentindo goteiras
adormecerem sonhos

passos

quando astros de galáxias
distantes colidirem a olho nu
e a noite não menstruar a lua

quando pirâmides enquadrarem
arranha-céus e rasgando os céus
faraós aos seus postos retornarem

quando rainhas vikings saquearem
jerusalém à sombra das oliveiras
e o santo grau jogarem ao mar

quando negras da época matarem
a branca escravidão com a força
da palavra de conceição evaristo

quando dionísio não embriagar
o eu-lírico de hilda hilst
só assim, deus, tu virás a mim

pedaço

A meu pai, Luis Alberto Cavalcanti

naquele tempo
em que eu não tinha
metade da tua altura
as tuas mãos
no guidom
me equilibravam

naquele tempo
em que eu tinha quase
metade da tua altura
teus pés pedalavam
meu caminho
até à escola

e todas as tardes
eram pintadas
com a cor vermelha
da bicicleta, tão forte
quanto a tua cor
nesse tempo aquarelado

hoje continuo o cântico
das duas rodas:
pedalo até o dia
em que eu tinha
metade da tua altura
e lembro do teu riso

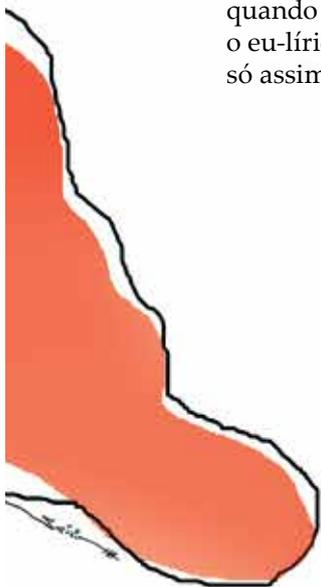
manchado de poucos
dentes e cheio de graxa
graça que ultrapassa
o tempo
em que eu não tinha
metade da tua altura

hoje possuo
a mesma altura tua
e choro de amor
porque recordo todo
tamanho das tuas mãos
que me subiam à bicicleta

sabendo que me deste
altura à altura
do que és
e te amo
com toda a certeza
de que fazes parte

de todos
os meus
tamanhos
[do andador
à
bicicleta]

neste tempo ultrapassado
que não passa
em que eu tenho
de ti internamente
mais da segunda
metade da tua altura



Francisco C

Discurso

Que ninguém tome para si
minhas palavras (meu poema).
Nem mesmo um fonema
vale a pena.
Não falo nem escrevo
de cátedra
ou de púlpito
(não me dirijo ao público).
Não ensino nem prego.
Não pratico ciência ou credo.
E tudo é possível:
o que hoje afirmo, amanhã, nego.
Porque, no fundo, é assim:
converso mesmo é comigo
(com o meu umbigo)
e, não raro, nem eu
acredito em mim.

Serei louco?
Mas quem não é um pouco?
Diante da encruzilhada do dito
e do escrito
(a busca de um sentido),
cada qual decida onde ir,
sem guia ou mestre,
norte sul leste oeste,
cada qual siga
(nunca em fila, formiga)
por si.

Saberes

Não se julgue melhor o poeta
que o camponês.
O poema (qualquer que seja)
não vale mais que o saber
das mãos que ordenham
(com mestria)
uma rês.

Foi ontem

É preciso que os filhos sejam doutores
para que se compensem
tanto labor e tantas dores.

É preciso que os filhos sejam doutores
para que não seja em vão
uma vida toda de não.

É preciso que os filhos sejam doutores
para que os pais
(enobrecidos senhores)
descansem em paz.

A questão

Melhor seria o silêncio
face a palavra que oculta
o que quer dizer?

Melhor seria o silêncio
frente à palavra que expõe
o que deseja esconder?

Sim, melhor seria o silêncio,
começo e fim do que foi
e do que insiste em nascer.

O silêncio que melhor fala,
porque cala
em sábio emudecer.

No entanto, a palavra insistente,
a palavra imperfeita
quer ser.

Ponta do Cabo Branco

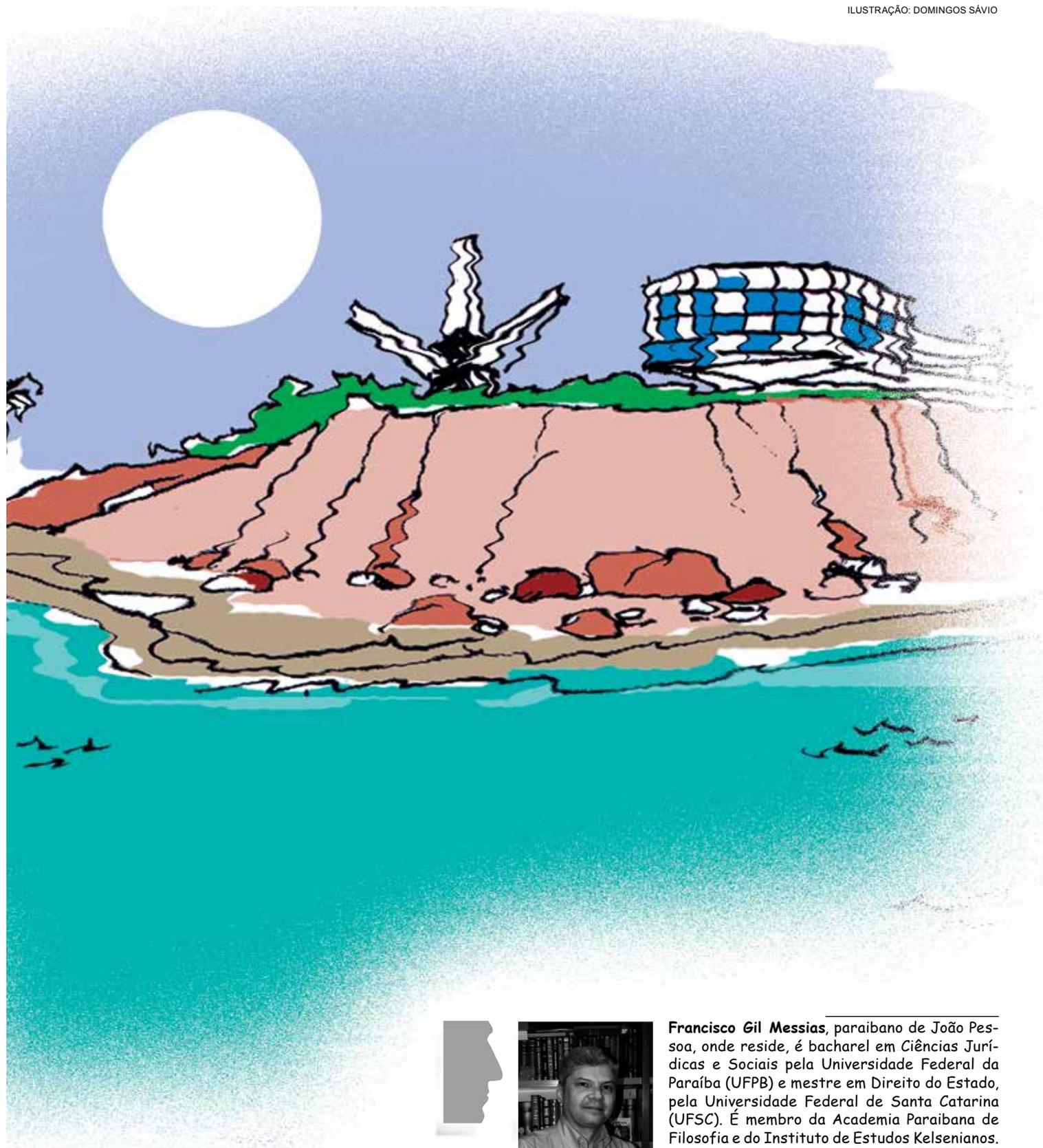
Dia virá em que não estarás
mais no lugar, o teu lugar
há milênios.
Terás sumido de repente,
simplesmente desaparecido
num passe de mágica.
Mas bem sei que foi devagar,
pedaço a pedaço
(sem estardalhaço),
num longo tempo,
diária queda trágica
à nossa vista.

E sei também que quando ruíres totalmente
sob a força do mar, da chuva e do vento,
e do nosso olhar passivo, indiferente,
inútil será (oh, como será)
o tardio lamento.



Gil Messias

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissextos* e *A medida do possível (e outros poemas da Aldeia)*. Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

Johniere Al

CorPO XII

linha flutuante
cheia de conceitos
latitudinais
espichado em sua longitude
assim se desenha o corpo.

sepultado nas águas do mar

CorPO XV

teu corpo cova medida
para afogar meu amor
que dentro da noite veloz
ecoa violões que choram
na sobreposição de tua voz
que realinha órbitas e o terceiro
sol do gozo - findas polifonias [...]º
num assombro exemplar

outro sonho de ícaro

não basta mais
meu corpo
que é leve e
continua caindo do 8º andar

aqui meus braços quebrados inteiramente
sob o violão
de lá notas molhadas de solidão
avermelhadas pelas notas policias

meu corpo é leve leve

daqui meu rosto
que despontava comerciais
matinais
rompe o espelho de água no chuveiro
se esvai em asas de espuma e vento
como quem se sente a caminhar na orla de Tambaú num fim de tarde

corPO XIV

ter no cais o eterno discurso da volta
ter no cais o sentimento certo do esquecimento
o vazio constante do ir e vir
e na lateralidade das mãos erguidas
os olhos esmiúçam-se em líquido
por ter um corpo ausente de si mesmo

Flor carnívora

a flor carnívora
apresenta seus pertences
lá bios em pétalas
e
o
ins
eto
ere
to
invasor em sua ganância de voar
esquece seus anéis de conhecimento
e
ao
ser sugado
várias vezes
pela flor e seu porão antropofágico
pendurando-o na pele viva da lua cheia
ali o
pobre inseto murcha sua seiva semente
e cai no tecido solo
deixando seu pequeno oceano ancorado
noutra ecologia



ves Ribeiro

Do livro inédito *com todo corpo*



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Johniere Alves Ribeiro nasceu em Campina Grande (PB), onde reside. É formado em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mestre em Literatura e Interculturalidade e doutorando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e professor de Literatura e Produção Textual. Publicou poemas em jornais e revistas e na antologia *Inventário lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia* (A União Editora, João Pessoa). Em 2016, publicou os livros de poesia *Página para versos* (Editora Ideia, João Pessoa) e *Fogueira de espelhos ou A alquimia do cais* (Editora Penalux, Guaratinguetá).

O ornitorrinco do pau oco



Capa de *O ornitorrinco do pau oco* (Vitória: Causa, 2018), de Jorge Elias Neto

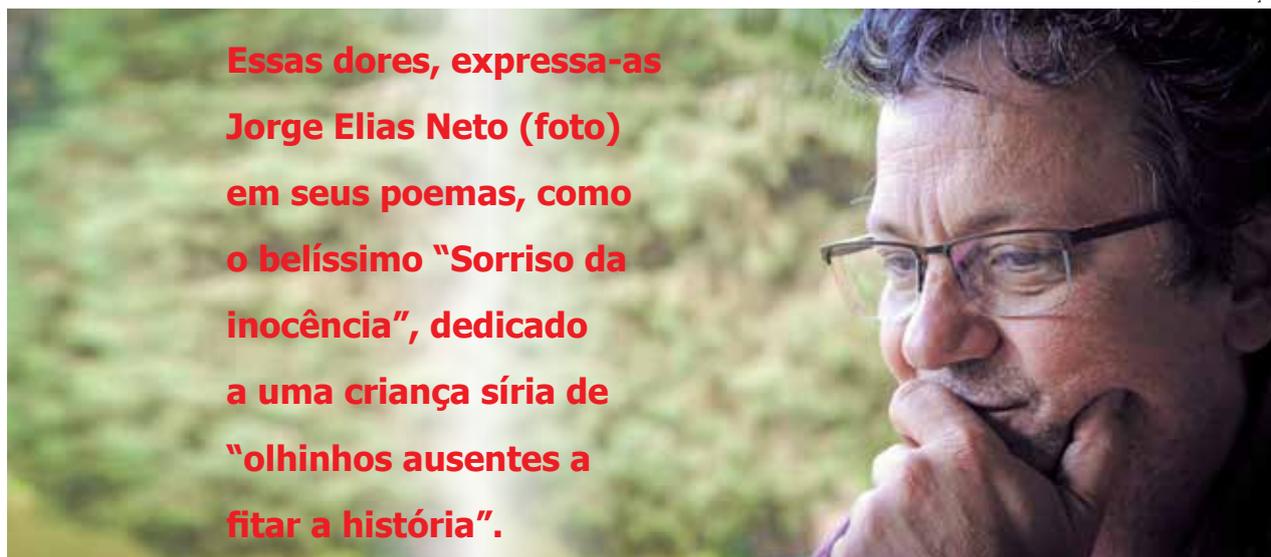
José Augusto Carvalho
Especial para o *Correio das Artes*

Mário Quintana, nosso poeta universal do Sul, disse, numa de suas obras, que “a poesia é uma verdade inventada”. Apesar da beleza desse aforismo poético, acredito que o poeta descobre a verdade que o comum dos mortais ignora, para revelá-la em seus poemas. O poeta é aquele que só sabe “transformar sapato em borboleta”, diz Jorge Elias Neto no poema “Régua quebrada” (p. 47). O poema é, portanto, a revelação da verdade descoberta pelo poeta, que não percebemos por não termos, parodiando Newton Braga de *Lirismo perdido*, a sensibilidade que fará o poeta sofrer e morrer de dores que não são suas.

Essas dores, expressa-as Jorge Elias Neto em seus poemas, como o belíssimo “Sorriso da inocência” (p. 147), dedicado a uma criança síria de “olhinhos ausentes a fitar a história”. É a nobreza desses olhos ou desse “olhar perdido na ausência”, que o poeta procura, sabendo-o “entardecido de uma ilusão” (“Poema”, p. 133).

Os poemas de Jorge Elias Neto são basicamente reflexivos, e levam o leitor a meditar na grandeza de seus aforismos altamente poéticos. ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Essas dores, expressa-as Jorge Elias Neto (foto) em seus poemas, como o belíssimo “Sorriso da inocência”, dedicado a uma criança síria de “olhinhos ausentes a fitar a história”.

- ▶ 1. “Não interrompam o cotidiano das serpentes./ Elas não buscam nos homens o seu veneno” (“Reflexão”, p. 39), -- aforismo que o poeta retoma como epígrafe no poema “Gaza” (p. 62-3).
2. “Eu te daria meus vícios / se isso não me fizesse órfão” (“O possível”, p. 53).
3. “Para tudo existe um peso / uma medida / e uma visão distorcida” (“Os ossos da baleia”, XVII, p. 91) -- mote que o poeta glosa, numa espécie de vilancete no poema “Há dois corpos” (p. 104), subvertendo o modelo clássico ao usar os versos iniciais e não finais das estâncias que constituem a glosa.
4. “Hoje a estupidez não é mais um traço:/ é um demônio que se agiganta” (“Noir”, p. 56).
5. A vida constrói, e o tempo apaga” (poema “Mãe”, p. 18, um dos mais líricos e mais belos e sofridos do livro).
6. “Cada homem traz / dentro de si um pasto de soberba” (“Terra dos pássaros”, p. 124).
7. “Pode-se falar de paz / onde inexistente vida” (Campo de batalha”, p. 143).
8. “Sonho... Matriz da realidade” (“Balada de um imortal”, XIII, p. 96).
9. “Certas bocas / não vestem bem as palavras” (“Ofertório”, p. 40).
10. “A vida é ritual de pontes. / Vejo triste que, entre o dito e o pensado, / ficou uma ponte tombada” (“Sonho no absurdo”, p. 67). -- Este aforismo lembra de maneira metafórica a dificuldade que os poetas enfrentam ao traduzir as ideias em palavras. De fato, pensamos paradigmaticamente, em que todos os elementos da ideia concorrem em bloco numa simultaneidade que tem de ser diluída obrigatoriamente palavra por palavra, quando se fala ou se escreve, na difícil tarefa de tentar vencer a linearidade do código linguístico. Por isso, Bilac fala nas confissões de amor que morrem na garganta; por isso Augusto dos Anjos diz que a ideia, por mais grandiosa que tenha sido mentada, chega às cordas da laringe mínima, tênue e raquítica, para esbarrar no “mulambo da língua paralítica”; por isso Carlos Drummond de Andrade diz que “lutar com pa-

lavras é a luta mais vã”... Para Jorge Elias, entre o dito e o pensado está uma ponte quebrada...

São esses pensamentos que revelam o simbolismo do pau oco do Ornitórrinco: são algumas das pedras preciosas da sua poesia, como os versos seguintes, de incomparável beleza:

1. “Meu pai vestia uma pele / de sonhos amarrotados” (“Polos”, p. 48).
2. “Desconheço a verdade dos santos, / mas tenho aprendido sobre a mutilação do desejo” (“A realidade de cada um”, p. 30)
3. “O VERBO partiu e levou consigo o pecado. / O mundo suspira aliviado o retorno à solidão” (“Apocalipse verde”, p. 32)
4. “Bem-vindo à eternidade do instante?” (“Bestas, Beats e Beatos”, p. 110)

A repetição é frequente nos poemas de Jorge Elias. Em “Aos poucos”, p. 108, a locução adverbial que dá nome ao poema se repete em cada estrofe. O poema “Uma carteira e seus sentidos” (p. 80-1) é um dos poemas mais bem elaborados tecnicamente, na repetição do ritornelo: o verso que se repete a cada estrofe, “Observe essa carteira vazia”, é seguido por dois adjetivos de rimas em -osa e -ada, em todas as estrofes, e termina com três coordenadas aditivas sindéticas, num paralelismo isostrófico perfeito. Só para ilustrar, eis duas das oito estrofes de estrutura similar:

“Observe essa carteira vazia
 -- ociosa --
 desocupada.
 Entre na dimensão do absurdo
 - no que se contorce --
 e resvala,
 e desperta,
 e nos cala.

 Observe essa carteira vazia
 -- poderosa --
 enfeitada.
 Lembre-se da profusão do sangue
 - que se dispersa --
 e tinge,
 e respinga,
 e nos entala.”

A morte também está entre as preocupações do poeta,

como no poema “Os ossos da baleia”, que dá nome a um de seus livros constantes nesse volume do *Ornitórrinco*, em que ele diz: “Sou um companheiro da morte” (p.90), ou como no belo poema “Balada de um imortal” (p.94): “Números são símbolos/ que nos arrastam./ Ditos em ordem / decrescente, assim, / subtraindo dias, / trazem a ideia / de proximidade do final;/ impõem / um sentido ao inevitável.” Esses versos lembram, pela ideia de contagem regressiva do tempo, o poema “Relógio”, de Cassiano Ricardo, que cito de memória: “Diante de coisa tão dorida / conservemo-nos serenos./ Cada minuto de vida / nunca é mais, é sempre menos.”

A religião serviu-lhe de tema a alguns poemas irreverentes como “Cristo de pão”, um dos mais belos e sofridos dessa antologia: o pai, à mesa do almoço, num domingo, faz um crucifixo moldado com miolo de pão ume-decido em seus lábios, mas o crucifixo se parte quando o filho o pega da mão paterna estendida e exclama desalentado: “Foi duro para mim / ver Deus quebrar-se em minhas mãos” (p. 59). No poema “Catedral”, a irreverência é mais patente: “crucifixos / hóstias / dízimos / pia abismal / e a imagem do Cristo / que nada tem a ver com isso” (p. 129).

Jorge Elias também incluiu nesse livro três sonetos diferentes formalmente: um, “O grilo falante” (p.105), de forma tradicional (dois quartetos e dois tercetos), outro “Para apaziguar as borboletas” (p. 113), com os 14 versos divididos em uma duodécima e um dístico; e um terceiro, “Subversivo” (p. 114), com os 14 versos separados em sete dísticos em redondilha maior. Acredito que o poeta esteja preparando um novo livro só de sonetos...

Certamente ainda haveria muito a dizer nesta minha tentativa de desvendar um pouco da beleza revelada pelo poeta nesse pequeno grande livro. Mas já me estendi o bastante, e o leitor certamente há de preferir ao que escrevi os poemas de Jorge Elias Neto.

Geir Campos, talvez em alguma parte de sua obra (também o cito de memória), diz este aforis-

- mo poético: “A folha que cai no rio muda a visão do rio”. Não basta a folha para fazer o rio mudar. As águas que agora correm não são mais as mesmas de há pouco, e o rio já não é mais o mesmo. Esse livro de Jorge Elias Neto não é apenas uma folha a cair no rio de nossas almas. Nenhum poema é o mesmo quando lido mais de uma vez, porque em todos eles está a beleza, a tristeza, a confissão desse poeta revelador de verdades, que “não tem cisma de beijar o diabo na boca e aprendeu cedo a morder os lábios de Deus (“Duo, p. 31) ou desse mago das palavras que sabe como transformar sapato em borboleta...

Poemas de *O ornitorrinco do pau oco*

RÉGUA QUEBRADA

Não me importo
com numerar as penas do cisne.

Versejo com apetite.
Cato palavras de aluvião.
Sou sapo de língua comprida catando mosca.

Insisto na ingenuidade da metamorfose.
(Só sei transformar sapato em borboleta.)

Sorriso da inocência

Para uma criança síria

Posaram para a fotografia
as crianças.
Estavam quietas
despojadas
sob o Sol da tarde
Sem pressa
não lhes ocorriam mais brincadeiras.
Foto para guardar
— lembrança.

Olhinhos ausentes
a fitar a história.

E fez-se um frio
despido
de qualquer certeza.

SAUDÁVEL

Humores, farrapos,
cachaça.
Rumores, gargalos,
cabaços.
Batuques, bagulhos,
Carçaça.
E eu debruçado
no ocaso.

ANACRÔNICO

Meu é este desperdício,
olhar que não se enquadra,
silêncio que espia na luz apagada,
o medo de não estar vazio
quando se acercar a luz do nada.

Meu é este dizer do tempo,
discurso interrompido,
lampejo, lamento,
saber inútil
o saco e a porra.

Meu não é o início,
mas o gargalo,
o rente, o arrebol sorvido,
este escuro – noite que se ressentido de frio
a fresta que observa,
o liberto, o estio,
ornamento dos dentes,
pavor, pavio.

Meu é o fim
justificando a queda,
o dedo – semente das unhas,
o arvoredo brotando no interminável.

Meu é o absurdo,
o privilégio das horas,
o beijo contado,
o assobio, o assombro,
o firmamento inútil.

Meu é o desafio,
o preto e o branco
e este zelo
pelas coisas perdidas.

CATEDRAL

Relicário
: poço fundo
de imundície
pomba
alfinetada na abóboda neogótica
das Alturas

crucifixos
hóstias
dízimos
pia abismal

e a imagem do Cristo
que nada tem a ver com isso ❖

O mineiro - de Governador Valadares - **José Augusto Carvalho** é professor universitário aposentado, mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Língua Portuguesa pela USP. Publicou livros sobre língua portuguesa - *Gramática Superior da Língua Portuguesa, Estudos sobre o Pronome, Problemas e Curiosidades da Língua Portuguesa, Crônicas Linguísticas e Palavra Puxa Palavra* -, além de dois romances, três livros de contos e um livro de ensaios sobre língua e literatura: *Discurso e Narração*. Reside em Vitória (ES), há mais de 70 anos.



Eu me apresento

Jorge Elias Neto
 Especial para o *Correio das Artes*

*Sou do tipo de poeta
 que não tem cisma de beijar o diabo na boca.*

*Sou poeta,
 aprendi cedo a morder os lábios de deus.*

Há que se entender ou não o ornitorrinco do pau oco?

Eu, por exemplo, vivo em busca de algum autoentendimento. Só recentemente, relendo uma definição do *Breviário da decomposição*, de Emil Cioran, é que me descobri um pessimista entusiasmado.

Mas, antes de uma definição psicológica, quem ler esta coletânea de meus três primeiros livros já publicados, em que incluí poemas inéditos, terá primeiro uma impressão de estranhamento e de curiosidade: o porquê de meu nome.

Entendo.

Embora ainda prefira que o leitor procure ler o poema que leva meu nome – sempre considere a obra mais relevante do que o autor –, sinto-me impelido a prostrar um pouco, talvez deixar algum rastro sobre quem somos nós, os ornitorrincos do pau oco.

É chegado o tempo em que o silêncio e a contemplação passaram a fazer parte do comportamento de um transgressor. É o que conchama a balbúrdia multimidiática de nossos dias.

Na verdade, nada mais efêmero que o conceito numérico dos dias: um ou dois dígitos não preenchem o vazio do homem pós-moderno.

E os “vencedores” propõem: Falemos do caos binário, já que se tornou “feio” falar do Sol e da Lua.

O choque. O homem e o tempo, com seus instantes vendidos em módulos. Uma overdose de estímulos de duração efêmera. Eis a droga que carece ser discutida, esta que alimenta o corpo fluido e seus receptores cerebrais carentes de imagens.

E é aí que me insiro e busco me justificar.

Quem sou? Algo indecifrável, como meu coirmão, objeto de estranhamento? mamífero, ave? Ovíparo, vivíparo? Tudo! Menos útil e justificável, embora ele ainda desperte alguma curiosidade científica. O que não parece ser bem o meu caso...

O ornitorrinco do pau oco destoa, e pode, muito em breve, perder de vez muito do lastro dos tempos, desgarrar-se do verde, de sua essência “Terra”. Impregnar-se definitivamente do urbano, perder-se no cinza e embriagar-se com seu-eu-deus-pessoal-bonito no selfie (sou eu lindo na foto, i.e.).

Dito algo sobre o ornitorrinco, há de se falar do “pau oco”.

Essa expressão “roubei” das esculturas que me encantaram na infância, em minhas visitas aos museus de Ouro Preto e Mariana.

Todos sabemos das histórias de ouro e diamantes dentro de esculturas de santos entalhados em madeira em contrabando que ocorria nas Minas Gerais, nos idos dos séculos XVI-XVIII. Nas costas da imagem (ou em seus pés), de forma camuflada, >

▶ uma pequena abertura permitia a ocultação do metal nobre e das pedras preciosas que movimentavam o Velho Mundo.

É aí que eu me insiro.

Vivemos um momento neoantropofágico na poesia. Pelo menos vejo isso como uma das tendências em muitos dos poetas atuais. Na miríade de cores, na heterogeneidade da produção atual, vê-se um esfacelamento do corpo, do que resta do corpo, já que a alma já foi esmigalhada.

O final do século XIX trouxe a proposição da morte de Deus, trouxe o materialismo dialético. O homem oitocentista adentrou-se no novo século deslumbrado com a tecnologia e o conhecimento evolucionista. Tivemos o leninismo-stalinismo e vimos que o homem, vestido com a ideologia, transformou a proposta da utopia nas distopias descritas por Orwell e Huxley. Viveu a insanidade nazista e, com o distanciamento histórico, pôde entender que o homem errado no lugar certo pode gerar a insanidade coletiva. Tudo trouxe a descrença, a desilusão e abriu espaço para o deus mercado, o oportunista da vez.

E onde entra o ornitorrinco e o “pau oco” nisso tudo?

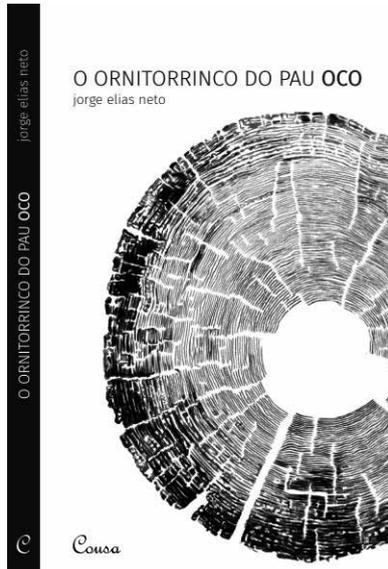
Na medida em que o poeta é a “antena da sociedade” — dito gasto, mas definitivo, de Ezra Pound —, o poeta-ornitorrinco carrega consigo todo o estranhamento do que o circunda e, impregnado do que “não tem serventia” por não optar pelo instante em detrimento do efêmero, corre o risco de se tornar uma curiosidade em risco de extinção.

Como pude, busquei me desconstruir, entender minha irrelevância relativa nesta vida. Enfim, vi-me um ornitorrinco.

E o que tem de especial o ornitorrinco? O olhar. É a necessidade... A necessidade de abrir o peito, com força, como tão bem ilustrou o poeta e grande artista Felipe Stefani, na ilustração que acompanha este livro.

Abrir o peito e oferecer o que mais precioso ele traz guardado em seu arcabouço de ossos e carne.

Já que o poeta é um estorvo, ele abre seu peito e joga na cara



de quem quer que seja, como seu último ato de vida, rasgando sua última pele — a palavra —, mesmo que inutilmente, a “linguagem-ouro de enganar trouxa” que o alimentou enquanto vivo.

Eis aí o ornitorrinco do pau oco, queiram ou não.

A OBRA

Do artista

– a obra,

o todo

– da obra.

Mesmo que um segundo apenas, seja o tempo para a derrocada do homem, cabe o feito

definitivo,

traduzindo o gesto, o desfecho do combate.

Não se apegue ao herói erguido aos céus na glória do instante, reafirmo:

– veja a obra.

A arte, as mãos, também se expressam fechadas, sufocando o ar no exíguo espaço da tensão dos dedos.

O artista do palco, do ringue, persiste na imagem que desaba e se rasga.

Atenha-se ao diálogo – com a obra.

CLINCH

Não se arme,
passei para te dar
um abraço.

Não me afastes,
tenho cansaço.

Do livro *Breve dicionário (poético) do box* – Editora Patuá – 2015. ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Aldous Huxley (1894-1963), autor inglês do romance *Admirável Mundo Novo* (1931)



Emil Cioran (1911-1995), escritor e filósofo romeno radicado na França, autor de *Breviário de Decomposição* (1949)



Eric Arthur Blair, pseudônimo de George Orwell (1903-1950), autor de *1984* (1949)

Jorge Elias Neto é capixaba -reside em Vitória (ES) -, nascido em 1964, médico, pesquisador e poeta. Membro da Academia Espírito-Santense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 2, publicou: *Verdes versos* (2007), *Rascunhos do absurdo* (2010), *Os ossos da baleia* (2013), *Glacial* (2014), *Breve dicionário poético do boxe* (2015), *Cabotagem* (2016), *Breviário dos olhos* (2017) e *O ornitorrinco do pau oco* (2018).

Em nome dos 492 tiros NA CABEÇA

Marcus Cortez

Especial para o *Correio das Artes*

Acabo de ler o livro que o jornalista Klester Cavalcanti escreveu sobre o maior pistoleiro de todos os tempos. Segundo Klester, o maranhense assassinou 492 pessoas, a maioria com um certo tiro na cabeça. Isso é verdade ou é “cascata”? Não vejo grande problema nisso, pois tanto o livro como o filme corteja abertamente a ficção.

Nos primeiros capítulos de *O Nome da Morte*, o autor conta como o filho de uma família muito pobre de Porto Franco no interior do Maranhão se tornou sinônimo de violência e impunidade. Cada crime que cometia anotava no caderno o nome do morto, o local do crime, o nome do mandante e a grana, geralmente uma mixaria, coisa de três salários mínimos por cabeça.

O fato extraordinário de sua vida é que Julão só foi preso uma única vez. E ficou menos de 7 dias na cadeia. Por que isso? Ora, ora, o Brasil é “um colorido catálogo de espantos”, para citar o jornalista Geneton Moraes Neto, que assinou o prefácio. No ano de 2016, o país foi responsável por 25% dos homicídios a tiro no planeta Terra.

Julão não foi outra coisa na vida senão matador de aluguel, profissão que exerceu por 35 anos. Foi o herói dos cornos vingativos, dos comerciantes que queriam acabar com a raça de maus pagadores, dos pais descabelados que clamavam por justiça para o monstro que estuprara a filhinha. Por volta de 1972, o Exército brasileiro lhe concedeu a honra de participar da caça aos comunistas no Araguaia, sendo ele o responsável pelo tiro que esmigalhou o cérebro da guerrilheira Maria Lúcia Petit da Silva.

Lendo o livro ou assistindo o filme ingressamos no submundo da promiscuidade entre autoridades e bandidos. O pistoleiro cometeu todos os seus crimes vestindo uma farda de soldado presentada por um oficial da Polícia Militar, amigo do tio Cícero que foi quem introduziu o sobrinho no métier da morte.

KC manteve uma convivência de 7 anos com o matador recordista e assim o define: “Júlio é um homem calmo, bem-humorado, caseiro, carinhoso com a mulher e os filhos e muito religioso”. (Pág.18). Na verdade, o pistoleiro se “matou” em vida correndo uma culpa da qual nunca se livrou. Ele é do tipo que acorda suando, gritando desesperado para afugentar os fantasmas de suas vítimas, sem ar, chorando louco de agonia. Júlio mora hoje num lugar que é mantido em segredo.

Em outras palavras, o assassino frio tinha lá os seus sentimentos. Isso salta aos olhos quando Klester narra um episódio que Júlio testemunhou. Refiro-me a tortura ao camponês Geraldo, nome de guerra do guerrilheiro José Genoino: “Para cada golpe que Genoino levava, o garoto fazia uma careta de agonia. Não conseguia entender como o Ricardo, o Emanuel, o Tonho e o Forel, com quem convivera durante os últimos 7 dias pareciam sentir algum prazer naquilo”. (Pág.88).

O Nome da Morte é o retrato de um país sangrento, de uma terra semeada pela lei do mais forte, da impunidade seletiva e da extrema pobreza do seu povo. Quando acederam as luzes do cinema onde o filme *O Nome da Morte* estava sendo exibido, eu só conseguia pensar nesse caldeirão chamado Brasil onde fervem realidades de arrepiar por sua terrível violência oriunda das profundezas das contradições que o país hiberna. Perplexo, dirigi a palavra ao meu vizinho de cadeira: “E então, Genoino?” O ex-ministro da Defesa do Governo Lula me respondeu dizendo: “Incrível, Marcus, o maior pistoleiro da terra quando me viu sendo torturado, gritou para os militares: Mata, mas não maltrata”.

Quando acederam as luzes do cinema onde o filme *O Nome da Morte* estava sendo exibido, eu só conseguia pensar nesse caldeirão chamado Brasil onde fervem realidades de arrepiar por sua terrível violência oriunda das profundezas das contradições que o país hiberna. Perplexo, dirigi a palavra ao meu vizinho de cadeira: “E então, Genoino?” O ex-ministro da Defesa do Governo Lula me respondeu dizendo: “Incrível, Marcus, o maior pistoleiro da terra quando me viu sendo torturado, gritou para os militares: Mata, mas não maltrata”.

Quando acederam as luzes do cinema onde o filme *O Nome da Morte* estava sendo exibido, eu só conseguia pensar nesse caldeirão chamado Brasil onde fervem realidades de arrepiar por sua terrível violência oriunda das profundezas das contradições que o país hiberna. Perplexo, dirigi a palavra ao meu vizinho de cadeira: “E então, Genoino?” O ex-ministro da Defesa do Governo Lula me respondeu dizendo: “Incrível, Marcus, o maior pistoleiro da terra quando me viu sendo torturado, gritou para os militares: Mata, mas não maltrata”.

Marcus Frederico de Paula Cortez é escritor e publicitário. Seu livro mais recente intitula-se *Stanley Kubrick: o monstro de coração mole* (Perspectiva, 2017). Mora em São Paulo (SP).

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Klester Cavalcanti ganhou o Prêmio Jabuti 2007 com o livro O nome da morte (Planeta, 2006)



Bandeira: LIBERTINAGEM – anotações de aula



Para meus alunos de Literatura Brasileira IV, da UFPB: saber com sabor e carinho.

Está no Aurélio: *libertinagem* = devassidão, desregramento, licenciosidade. O que pratica a libertinagem = aquele que usa de excessiva licença, indisciplinado, desregrado, libertino, extravagante, livre de qualquer peia moral, que vive sem empecilhos.

Libertinagem, publicado em 1930, é o quarto livro de Manuel Bandeira e o primeiro rigorosamente modernista. Poemas marcados pelo humor, coloquialismo, musicalidade, *flashes* do cotidiano, poesia feita com o (e do) prosaico, banal, trivial.

De quebra, erotismo e chiste em imagens marcantes, de uma sonoridade suave que, no entanto, soou desconcertante para os ouvidos do Mário de Andrade.

A matéria de poesia de Bandeira pode ser tan-

to uma notícia de jornal como recortes da fala do dia a dia; expressões regionais e licenciosidades poéticas das confissões amorosas.

A vida intensamente vivida: a alegria, doença, festa, morte, solidão, *medo da morte*, dor, agruras da vida sem filhos, melancolia, viagens a terras imaginadas – mas engastadas na concretude dos seres e objetos.

E a ocupação da linguagem com a fina linha do linho poético. Uma costura num mapa cujo território abarca a abrangência e a expressão. Nada, neste horizonte, escapa-lhe.

Em outras palavras, sempre joias raras: a questão existencial tinge, tinta, fixa sua poesia.

Fixa com a leveza e a determinação das tatuagens. Beleza pessoal e denúncia social. Longes da levada piegas e do didatismo panfletário.

No entanto, sem abrir mão do prosaico.

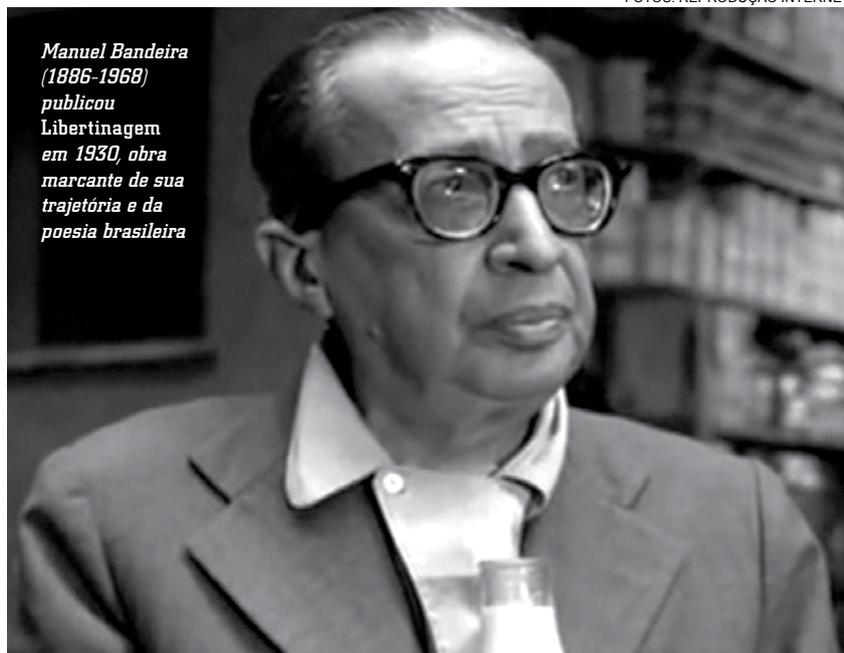
Profundamente: não é um reles prosaísmo – é o prosaico transmutado em poético vibrante. Humor e ternura.

Há em Bandeira uma ternura profunda, permanente, dominante. O verso livre é sua marca registrada. Mas ele faz com maestria poemas de forma fixa como o soneto, a quadra, o haicai.

Inquieto, inovador e sempre antenado, fez poemas concretos.

Por isso mesmo, diante de ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



► Bandeira é preciso desaprender o que aprendemos (e sabemos) sobre poesia.

Não se pode conceder a Bandeira (e nem cobrar dele) o que não há, o que não faz, o que não existe e nem é projeto de sua poesia.

Talvez esta seja a primeira grande porta de entrada para o desvelamento e a curtição de sua poesia. Conhecer teoria da poesia, sim. Estudá-la. Para depois, determinadamente, esquecê-la ao ler Bandeira.

Pois o poeta pasargadense sabia que poesia é transgressão. Irreverência. Poesia é risco.

Por isso mesmo ela não somente dialoga, mas não existe sem a presença da tradição.

Seus versos livres, livres de tudo, e até mesmo da pontuação, alteram a percepção do leitor, desconstroem-lhe o universo de valores poéticos cristalizados, e desinstalam-no da segurança que o canônico outorga como força motriz do consagrado.

A poesia de Bandeira é emoção que se processa pela expressão. Quer seja: ainda que aparente displicência, é um sentir-pensar de tal modo arquitetado que leva ao esquecimento as monstruosidades dos andaimes e quetais.

Embora tematize muitos aspectos de sua vida pessoal, familiar e social, esta poesia, sabiamente, não se circunscreve à esfera narcísica de suas experiências. Ela surge do alumbramento que Bandeira mantém com toda a história da poesia.

Insisto: não é um diário emocional de sua vida, de suas emoções, de suas alegrias e de seu chororô. Se fosse, não seria poesia. Não seria por uma razão simples e sofisticada: o que se sente não é poesia. Paul Valéry vai ao âmago: "Sentir não significa tornar sensível – e, menos ainda, belamente sensível...". Em outro momento ele mesmo dirá que o poeta não precisa ser inspirado – mas deve fazer o leitor sentir-se inspirado.

A questão, pois, não é de sen-



Em Libertinagem, Bandeira reuniu textos famosos, como "Poética", "Evocação do Recife" e "Volume embora pra Pasárgada"

timentos ou sensações – mas de expressão.

Gosto de Bandeira porque sua poesia reflete minha história, meus sentimentos, minha visão de mundo, minha ideologia? Então o belo é o que se identifica comigo? Em outras palavras: a arte centra-se nos reflexos narcísicos? Ela se basta no encontro das subjetividades? Nas satisfações egóticas de eus vaidosos ou ressentidos, esfuziantes ou melancólicos?

O que me mobiliza para a poesia? O que me mobiliza para a poesia de Bandeira? O aparente discurso prosaico? A deliberada atitude de tornar o poema um discurso de prosa, que se encerra em si mesmo, que se basta em si?

Somente os que não sacam qual é a da poesia que querem en-

cerrá-la na força da prosa. Quem de fato ama a poesia trata-a com afeição pessoal visível, com prazer, alegria, amorosidade.

Quem a ama profundamente toca-a com a matéria da inteligência e do coração. Não a relaciona à praticidade e "cientificidade" da psicologia, sociologia, filosofia, antropologia, etc. Nem a encerra no desvelamento de suas fontes, influências, inspirações.

Quem ama Bandeira, detém-se no 'x' da questão de sua linguagem, de sua libertinagem, de sua materialidade poética. Diz Valéry: "A Poesia (...) se a quisermos tomar como objeto de estudo, é por esse lado que se deve olhar: é no *SER*, e muito pouco nos seus ambientes" (grifo meu).

Isso, sim, traz prazer e saber, no convívio com a poesia bandeiriana. Isso nos impulsiona a lê-la com gozo, inquietação e desparta-nos para seu estudo.

Falando nisso, nunca é demais lembrar que poesia de Bandeira tem se prestado a estudos alienígenas. A estudos projetivos. A estudos esquizofrênicos. Ora, Bandeira é o poeta da simplicidade. Está dito. Mas o simples não é o fácil nem o direto. O simples é uma sofisticação da arquitetura do texto em consonância com sua expressão.

Os temas, em Bandeira, são apenas nuances de uma poesia que se constrói no luxo da simplicidade. Sob este aspecto, Bandeira e Oswald aproximam-se. Cada um, ao seu modo, tomou o trivial e fez dele matéria de sua poesia modernista – mais que isso: moderna, contemporânea. Mas esse é assunto para outro momento. Por ora, vamos aos poemas de *Libertinagem*. ♥

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. É autor, entre outros livros, de *Barrocidade* (Landy Editora, 2003). Mora em João Pessoa (PB).



As passagens benjaminianas:

leituras (6)

Vanessa Madrona Moreira Salles observa ainda, no ensaio “A metrópole moderna, o olhar surrealista: considerações benjaminianas”, que “em *Passagens*, Benjamin descreve a consciência da metrópole através de uma diversidade perceptiva. Compreender a cidade é colocar-se diante de um caleidoscópio, de onde não se vêem somente belas imagens. A visão caleidoscópica implica em ação do observador, que agita os fragmentos coloridos formando novas constelações de formas, criando mosaicos. Na metrópole [...] vários são os

Em Passagens, Benjamin descreve a consciência da metrópole através de uma diversidade perceptiva

transeuntes que percorrem as ruas da cidade, que cultivam fantasmagorias do espaço e do tempo. Cada um anuncia uma forma de visualidade”. Aléxis Martin, num texto de 1855, citado por Walter Benjamin, anota, acerca dos transeuntes da cidade: “O industrial passa sobre o asfalto apreciando sua qualidade; o velho procura-o com cuidado, seguindo por ele tanto quanto possível e fazendo alegremente ressoar nele sua bengala, lembrando-se com orgulho que viu construir as primeiras calçadas; o poeta [...] anda pelo asfalto indiferente e pensativo, mastigando

versos; o corretor da bolsa o percorre calculando as oportunidades da última alta da farinha; e o desatento, escorrega.” (*apud* Vanessa Madrona). Para Walter Benjamin, “a percepção da cidade implica em interpretar não apenas os signos explícitos, mas, especialmente, ater-se aos dejetos, ao efêmero, ao desprezado” (cf. Vanessa Madrona). ✦

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Política, corrupção, etc...



Candidato a prefeito na pequena Kenoma, Sul dos Estados Unidos, Willie Stark não tem a mínima chance. Pobre e sem costas quentes, está fadado à derrota. Até que um dia lhe “esquentam as costas” com uma candidatura a governador. Aceita, ganha as eleições, porém as concessões aos “esquentadores” são tantas que, depois de alguns anos de governo, a sua plataforma está completamente comprometida. Acusado de corrupção, vai a júri: ganha a causa, mas, em plena comemoração, perde a vida, com uma bala disparada por uma mão indignada.

Um político assassinado: nada mais americano, é verdade. Tan-

to é assim que o filme que aqui resenho, *A grande ilusão* (*All the king's men*, 1949) é baseado em caso real, o do senador e governador do Estado de Louisiana, Huey Long, semi-biografado no livro do escritor Robert Penn Warren, prêmio Pulitzer, que o filme adapta.

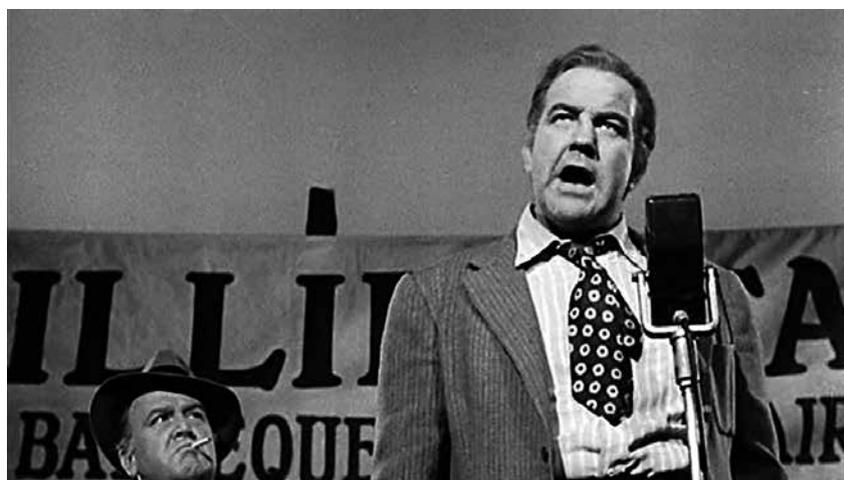
Inevitavelmente, a estória do cidadão honesto que se corrompe ao abraçar a política, se repete na história do cinema americano, mas aqui, em 1949, estamos no nascedouro deste argumento, e o filme de Robert Rossen é um protótipo desse tipo de enredo.

Com foco de primeira pessoa, a estória é narrada por um dos ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Robert Rossen (1908-1966), roteirista, produtor e diretor norte-americano de A grande ilusão (All the king's men, 1949)



O ator *Broderick Crawford* (1911-1986) ganhou um Oscar por interpretar *Willie Stark* em *A grande ilusão*

Ágil e nervosa, a câmera de Rossen nos permite o acesso, tanto às suas boas intenções iniciais, como à sua posterior aposta em que os fins justificam os meios.

▶ assessores de Stark, um jovem jornalista que abandona a profissão para fazer a campanha publicitária desse idealista em quem acredita piamente. Esse ponto de vista pessoal nos permite o que a narração onisciente não faria: o paulatino desvendamento de uma personalidade trágica que, quase imperceptivelmente, se desloca das boas intenções para a corrupção assumida.

Ágil e nervosa, a câmera de Rossen nos permite o acesso, tanto às suas boas intenções iniciais, como à sua posterior aposta em que os fins justificam os meios. “O Bem é gerado pelo Mal” defenderá Stark quando precisar “sublimar” as suas ações menos defensáveis, frase que prepara o seu ingênuo assessor (John Ireland) – como também o espectador – para surpresas vindouras. Essa mesma câmera nos faz compreendê-lo, embora não se possa dizer que o perdoe. Nem que o condene. Complexo, tenso, irresoluto, Stark é um homem e suas circunstâncias. O fato é que, construída com realismo, a personagem de Stark nos parece de carne e osso, o que é grandemente ajudado pela excelente interpretação de Broderick Crawford.

Uma produção da Columbia, *A grande ilusão*, além de ser um grande filme, é um exemplo curioso do lado sombrio da Hollywood clássica, aquela mesma que nos acostumamos a associar a finais felizes e outros ingredientes cor-de-rosa. Vejam que esse lado sombrio não estava

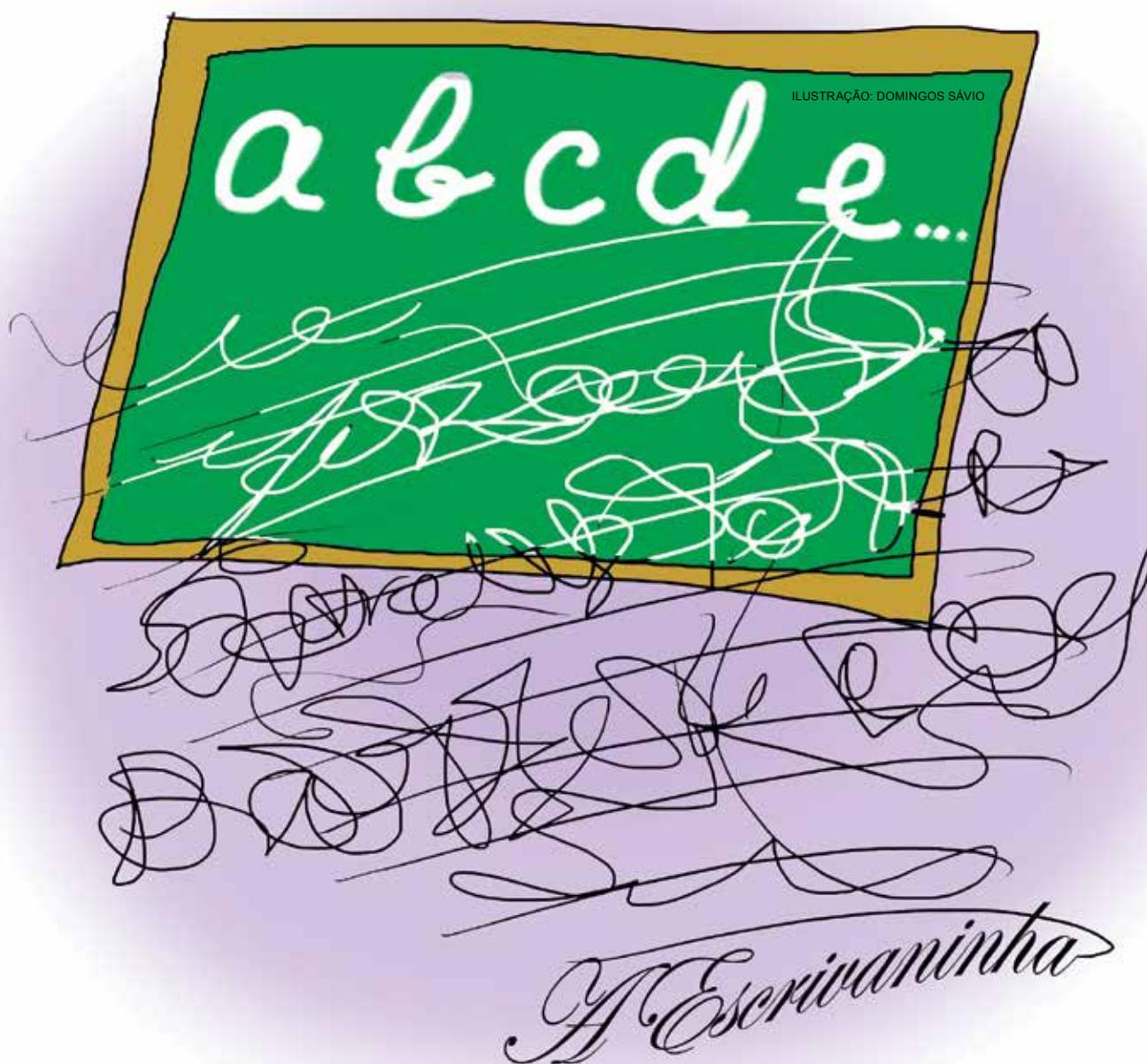
só no gênero “noir” que a Warner (e não a Columbia) tanto praticou, e do qual o próprio Rossen foi com frequência roteirista. Ele se insinuava em todos os gêneros, e, de modo franco, em dramas como este. Revise os filmes clássicos que você viu e confira. Um exemplo pode ser a exígua mas sintomática filmografia de Robert Rossen, na qual destaco o que mais lembro: o triste épico *Alexandre Magno* (*Alexander, the great*, 1956) e o angustiado faroeste *Heróis de barro* (*They came to Cordura*, 1959).

Que esse lado negro, pessimista, desencantado, era benquisto não há dúvidas, quando se considera que o filme de Rossen foi indicado a cinco Oscars e levou três: o de melhor filme, o de melhor ator principal (Broderick Crawford) e o de melhor atriz coadjuvante, para a estreante Mercedes McCambridge.

Convenhamos que, nos Estados Unidos do imediato pós-guerra, quando a ideia otimista do “sonho americano” ganhava foros universais, não seria muito esperável a consagração de uma película cujas premissas afirmavam que “todo poder corrompe” ou que “nossos dirigentes não são nada confiáveis”. A ironia é que, como o próprio Willie Stark, os Estados Unidos logo se deslocariam de seu papel positivo de libertadores dos povos na II Guerra, para o desastrosamente negativo de intervencionistas... Bem, mas esta é outra história que talvez aqui não caiba.

Em tempo: ao publicar esta matéria pela primeira vez, décadas atrás, dei-lhe o título de “Nada mais americano”. Hoje, penso, o gentílico poderia ser outro... ❖

João Batista de Brito é crítico de cinema e literatura. Publicou, entre outros livros, *Poesia e Leitura: Os Percursos do Gozo* (1989), *Signo e Imagem em Castro Pinto* (1995), *Imagens Amadas: Ensaios de Crítica e Teoria do Cinema* (1995), *Passou no Bangüê* (1996) e *Um beijo é só um beijo: minicontos para cinéfilos* (2001). Mantém o blog “Imagens Amadas”. Mora em João Pessoa (PB).



A Escrivaninha

Sandra Raquew Azevêdo
Especial para o *Correio das Artes*

À querida Ana Maria Coutinho de Sales

Aos 45 anos pensei me presentear com uma escrivaninha. Aprendi a escrever com Dona Luzia, na Travessa Padre Anchieta, na cidade de Patos. Não foi um processo doloroso, embora a professora tivesse palmatória, e minha caligrafia não fosse boa, era quase incompreensível. Quando olho para a letra escrita de hoje, quase não acredito que comeci aos garranchos. E me arrastei com eles até a adolescência. Não sabia o que era escrita, demorei muito para entender. Mas por volta dos 12 para 13 anos li nos livros de meus irmãos mais velhos uma crônica do Rubem Braga, chamada “Meu ideal seria escrever”. O sentimento ao ler aquele texto foi de cumplicidade, era quase como se fosse revelado algo sobre mim, naquelas linhas. Guardei. Alguns anos depois, quando me ▶

► defrontei com a questão de quem me tornaria, fui tomada por uma convicção de que a escrita era parte de minha personalidade. Embora não tivesse a menor ideia do que era mesmo viver para escrever e escrever para dar sentido à Vida, ao mundo.

Decidi ser jornalista, porque pra mim, menina do interior, ser escritora estava distante, escritores e escritoras eram deuses distantes, imateriais, iconográficos. Na minha vida inteira nunca havia conhecido um pessoalmente. Décadas depois descobri que onde morava havia vários escritores. A literatura chegou à minha vida pelos livros didáticos dos irmãos mais velhos, pelos empréstimos de um amigo que tinha uma assinatura do Círculo do Livro, por um sebo existente em frente ao Cinema São Francisco, na Rua do Prado, onde podia ter acesso e folhear gibis. Nos anos 1980 os livros não eram fartos, nem supérfluos, numa cidadezinha eram de difícil acesso.

Assim, o jornalismo como carreira de escrita, me dava muitas possibilidades, sobretudo a de ganhar o mundo. Uma credencial como jornalista era para mim quase compatível a um passaporte diplomático. Pensava que ser jornalista poderia me levar a qualquer lugar com o compromisso nobre de bem informar.

Passaram-se os anos, me fiz jornalista, entrei em diversos espaços, e ainda permaneço na Caverna da Escrita, um dos lugares mais difíceis de se estar. É um mundo dentro de camadas, de vozes que em momentos só você escuta. Por vezes um lugar escuro e de silêncio profundo, sem eco, sem Luz. Vazio. É por vezes um pensar alto impronunciável. E de sentimentos latentes e escorregadios.

Quando concluí meu doutorado enterrei todas as palavras que me habitavam. Permaneci num luto por alguns anos. Uma experiência não compartilhada até a chegada da Escrivainha. Ainda que escrevendo por força de exigências de trabalho o sentido havia partido. E fui tomada por um sentimento simplesmente de incapacidade. De viver todas as palavras e textos inteiros so-

mente por dentro, do lado avesso do espelho.

A Escrivainha demorou a chegar, foi lapidada pelo tempo. Quando eu toco na sua madeira agradeço ao Deus da Vida pelas árvores e sei um dia que meu corpo, ao pó, restituirá a Terra à parte que me foi dada. Vejo ainda através da madeira as mãos dos dois marceneiros que a fizeram lembrando com carinho de seus últimos momentos lapidando cada canto do móvel.

Nesse micro lugar desejado estão simbolicamente as vozes amadas que de uma forma ou de outra me faziam lembrar que “Meu ideal seria escrever”. Esses itinerários de escrita atravessados por desafios tantos e momentos tolos. Escrita de mulher. Nesse território de narrativa feminina fui aos poucos entendendo o que isso significava, sempre surpresa com a genialidade, angústia e perseverança de Clarice Lispector, e escritoras e cientistas mulheres que dizem sua própria palavra. Recordo ainda as mulheres ancestrais cujo direito da escrita foi negado, compreendendo que pela tessitura de suas memórias e intuição repassadas pela oralidade, cantos, rezas, crochês, bordados, retalhos, chás, muitas de suas histórias estão presentes no cotidiano, escritos poderosos constituídos sem a tecnologia do lápis e papel. Benditos ecos femininos cujas palavras se manifestam sob diferentes formas.

Não sei como vou ser depois da Escrivainha, apenas fiz questão de carregar seus espaços com símbolos importantes para mim: a minha bíblia que traz histórias incríveis de muitos gêneros e parece um livro muito vivo. Todos os contos e crônicas da Clarice Lispector, que me chamou para si através de *Água Viva*, primeiro livro que li, e assombrada descobri que era possível inventar e dizer nesse mundo sua própria palavra, e que poderia ser compreendida mesmo se referindo a um universo ao mesmo tempo ímpar, particular, mas real, surreal e verdadeiro. Trouxe ainda a caneca com formato de ancestral indígena feita na Porcelana São Paulo, e que era vendida no Festival do Guaraná, festa que aconte-

cia entre final dos anos 1970 e início de 1980, por ser um artefato da minha infância. E porque até hoje acho engraçado o fato de ter existido uma festa em que a atração principal era guaraná. Era divertida. Na caneca estão cabetas e um pega-varetas. Estão presentes ainda as deusas de cerâmica que ganhei de um amigo querido, uma coruja de madeira que representa as mulheres sábias, algumas delas partiram todavia permanecem povoando meus regimes diurno e noturno. Os livros na Escrivainha são rotativos. Na inauguração estavam Mia Couto, Eliane Brum, Clarice Pinkola Estés (que vai ser presença permanente), John Hersey, Gerard de Cortanze e Márcia Tiburi.

Por fim estão meu castiçal pequeno e discreto que trouxe de minha primeira viagem ao Chile, e um tinteiro em formato de caranguejo, encontrado num antiquário da antiga Rua da Floresta, em Campina Grande, e que me lembra o quanto gosto das Águas e da Lua. Ah, e como não poderia esquecer, meu quadro feito de uma foto monocromática da Frida Khalo, trazida da Casa Azul. Embora não goste muito dessa saturação mercantil de imagens *pop* da Frida vendidas pela indústria do empoderamento e pelo feminismo de autoajuda. A escolha dessa imagem em particular lembra o momento em que estive em Coyoacán com as duas pessoas mais importantes de minha vida. Essas imagens, símbolos e memórias são testemunhas do nascedouro de palavras ora não ditas. ✦

João Pessoa, 16 de Agosto de 2018.

Sandra Raquew Azevêdo é jornalista, escritora e professora de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autora dos livros *Comunicação, mídia e imaginário: diálogos contemporâneos* (2017), *Assessoria de Comunicação na Paraíba* (2016), *Mulheres em pauta: gênero e violência na agenda midiática* (2011), *Cartografias: escritos sobre mídia cultura e sociedade* (2008) e *Gênero, rádio e educomunicação: caminhos entrelaçados* (2005). Mora em João Pessoa (PB).

Ciclopediol

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

1

Giacomo Tobino era um professor aposentado de Química, viúvo, cujo laboratório ficava no sótão de sua casa, contígua à minha.

Seu espaço de pesquisa às vezes era abalado por alguma explosão, que ecoava em meus cômodos, porém nenhuma conseguira silenciá-lo.

De pequena estatura, rosto redondo com óculos e a cabeça totalmente calva, tinha o entusiasmo de uma criança, apesar dos 70 anos.

De vez em quando nos encontrávamos, pela cerca do quintal, e ele comentava algo abstruso, que eu mal entendia, afirmando que estava à beira de uma grande descoberta: o Ciclopediol.

Eu cumprimentava-o pelos esforços, mas, no fundo, considerava-o apenas um excêntrico, um lunático. ▶

2

Uma noite, o barulho de seu laboratório não foi de uma detonação, mas de berros alucinados:

– Achei! Achei! Achei!

Pouco depois, sem conter-se, chamou-me, pela cerca do quintal, para ser sua testemunha.

Sem outro remédio e, inclusive, para frear um pouco seu histerismo, aceitei uma visita ao laboratório.

Eu já entrara lá uma vez para tentar vender-lhe, em vão, uma apólice de seguro de vida, porém não me lembrava mais de seu aspecto tenebroso, digno de um filme expressionista.

O professor, que não andava, mas saltava como um sapo, excitadíssimo, guiou-me por uma densa selva de retortas e frascos e tubos de vidros, desalinhados em lugares poeirentos, que me fizeram espirrar e tossir como nunca.

Aí chegamos a uma comprida mesa de mármore com uma pia, talvez o único local limpo e arejado do recinto, apesar da complicação de tubos de vidro e recipientes grávidos reunidos.

– Antes da demonstração – disse o professor, com sua voz aguda –, vou explicar-lhe o objetivo de minha descoberta.

A Humanidade está sempre ameaçada pela fome, então resolvi inventar algo que suprisse a carência de alimentos: a fórmula do tamanho, o Ciclopediol.

Após minha jubilação da universidade, ocupei todo o tempo possível misturando líquidos, testando seus efeitos, até que hoje, coroando meus esforços, encontrei o que tanto procurava.

E quero que seja o primeiro a compartilhar a solução.

Tenha paciência, depois comemoraremos com um champanha, que guardo para a ocasião.

Concordei.

3

Desviou seus óculos de mim e concentrou-os em sua tarefa: começou a mexer com os vidros, trocando líquidos de uma a outra proveta.

O cheiro era nauseante.

Tossi ainda mais do que quan-

A Humanidade está sempre ameaçada pela fome, então resolvi inventar algo que suprisse a carência de alimentos: a fórmula do tamanho, o Ciclopediol.

do estava na zona da poeira.

Esquecido de minha presença (e respectiva tosse), pesou um pó, dissolveu-o num líquido aquecido e acrescentou outros.

E outros.

Então reuniu todos os componentes num boião e a mescla de cores fundiu-se em um único amarelo fumacento.

Voltou a mim e berrou, exaltado:

– Observe agora!

Sacou do bolso do guarda-pó uma maçã, colocou-a na mesa de mármore e, com um conta-gotas, sugou um pouco da solução e pingou na fruta.

A maçã, ante o meu espanto, começou a crescer, ao som dos gritos do professor Tobino:

– Consegui! Consegui!

Eu ia abraçá-lo, participando do momento glorioso, quando um fato terrível aconteceu.

4

De dentro da enorme maçã, saiu o verme que a habitava e também começou a expandir-se.

Nós, estupefatos, sem ação, ficamos assistindo ao seu crescimento.

Quando o ex-bichinho chegou ao tamanho de uma cobra-d'água, deslizou da pia para o chão e enrolou-se à canela de Tobino, mortificando-a sem dó.

Só quando o cientista chegou à sua máxima potência de voz, tentando desvencilhar-se da criatura, é que saí do torpor.

Horrorizado, fui à procura de alguma arma para detê-la.

Quando voltei, com um varão de ferro, era tarde demais: o parasita, que lembrava uma sucuri, já havia engolido metade do professor.

Sem hesitação, transpassei-o sete vezes com vigor, antes que também me atacasse.

O monstro, enquanto estrebuchava, derrubou diversas prateleiras carregadas de misteriosos produtos, porém – graças aos céus! – saiu deste mundo.

5

Depois de me lavar na pia, sentei-me num banquinho para retomar o fôlego e refletir sobre os estranhos acontecimentos.

A morte do genial professor, meu gesto heróico, a aberração saída de uma simples maçã, a própria fruta, imensa, tudo parecia delírio de uma mente perturbada, mas, infelizmente, era a mais pura realidade.

Considerarei que o problema mais sério a resolver seria o destino da invenção.

Esta possuía um caráter ambíguo, pois tanto poderia beneficiar a Humanidade com a fartura, quanto, no caso de um acidente com a fórmula, gerar terríveis pragas.

Depois de muita meditação, decidi-me: apesar da dúvida, que talvez me incomodasse até o final de meus dias, despejei, com extremo cuidado, o líquido amarelo pelo ralo da pia.

Só então me ocorreu a hipótese de que os ratos do esgoto poderiam crescer em contato com a invenção.

Enfim, chamei a polícia, que quase não compareceu, ante meu insólito relato.

Só deixaram de me considerar um demente, quando contemplaram os estragos do Ciclopediol. ❖

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 55 livros - o mais recente é *A vida anárquica de Horácio Peludo*, ficção humorística. Mora em Santo André (SP).



História de Orlando Tejo

Entre as muitas histórias que Orlando Tejo costumava contar, a que eu mais gostava de ouvir era aquela do acidente aéreo de que ele escapara de morrer. Começava invariavelmente assim:

— Dizem que cachaça faz mal. Mas eu estou vivo por causa de uma...

Depois de chamar a atenção dos presentes com essa fala, Tejo levantava os olhos para o alto, dava uma baforada do seu indefectível cachimbo e só então começava, de fato, a narração. O caso ocorrera em fins da década de 1950. Devido a uma carraspana iniciada na noite do dia anterior, Tejo perdera o avião que o levaria de Recife a Campina Grande. O avião, infelizmente, não conseguira chegar ao seu destino, caindo quando já se preparava para o pouso e matando todos os que estavam a bordo. Aí, devido a alguma falha da companhia aérea, no Recife, seu nome terminara constando da lista de passageiros divulgada pelo rádio e pelos jornais. No meio da comoção geral, mais um motivo de tristeza: não se encontrava o corpo do poeta...

— E como era possível encontrá-lo, se ele, o meu corpo, estava aqui comigo, na esbórnica?

O mal-entendido só se desfez dois dias depois, quando Tejo finalmente chegou, de ônibus, a Campina. O poeta viu, num velório coletivo, vários caixões, um ao lado do outro.

Para ele, aquilo foi como um sinal do céu. Depois dali, jamais viajaria de avião, pelo resto da sua vida.

— Alguns campinenses que me conheciam de vista não souberam, depois, desse equívoco da companhia aérea. E é por isso que, ainda hoje, olham pra mim como se eu fosse uma alma...

A bem da verdade, nunca pude averiguar direito certos detalhes dessa história. Ora, Tejo era um poeta, e todo poeta é um fingidor, como já nos ensinou, aliás, um dos maiores poetas que já passaram pelo mundo; não há poeta verdadeiro que se conforme ao “raso real”, contando apenas o que aconteceu e deixando de lado o mais importante, isto é, o que poderia ter acontecido.

Quando o conheci pessoalmente, Tejo era abastémio. Podia passar a noite inteira num botequim, conversando, fumando, bebendo refrigerante e comendo macarrão (aliás, nunca o vi comer outra coisa que não fosse macarrão). Mas, quando jovem, o criador do *Zé Limeira* fora um boêmio imbatível. Só conseguira largar a bebida, pelo que me dissera, devido a uma promessa feita por sua mãe. E houve, de fato, na década de 1950 (a 5 de setembro de 1958, para ser mais preciso), aquele terrível acidente com um avião que partira do Rio de Janeiro, pousara em várias cidades, entre as quais o Recife, e tomara o rumo de Campi- ▶

na Grande. Seria, ao que parece, a última escala antes do seu destino final, a cidade de Fortaleza. Devido ao mau tempo e à pouca visibilidade, o avião não conseguiu pousar em Campina, caindo no Serrotão, bairro próximo ao aeroporto. Ao que tudo indica, teria sido este o avião que Tejo perdera. No acidente, porém, não morreram todos os que estavam a bordo; vários passageiros escaparam, entre os quais Renato Aragão, que viria a se tornar, depois, o célebre comediante Didi, do grupo Os Trapalhões.

Uma coisa, porém, não posso deixar de reconhecer. Certa vez, por motivo de trabalho, estive, com Tejo, em Campina Grande. Participamos, com outros convidados, do júri de um festival de cantoria que houve por lá. E aí, numa tarde de folga, saímos a caminhar pelo centro da cidade. Pode até ser que eu estivesse, naquele tempo, impressionado demais com as histórias que Tejo contava; pode ser, também, que a sua figura de homem magro e envelhecido, trajando camisa branca, de mangas compridas, com aqueles bigodes longos e caídos, brancos e meio amarelados pelo fumo, e ainda por cima com a cabeça meio encoberta por aquela nuvem de fumaça que sempre o acompanhava, devido ao uso constante do cachimbo, influenciasse, de certo modo, na hesitação que eu percebia nas pessoas que o olhavam, sobretudo as mais velhas. Mas o fato é que eram, mesmo, olhares esquisitos, de curiosidade e de espanto, como se as pessoas não conseguissem se decidir sobre aquilo que viam — se era alma ou era gente.

E Tejo terminava a sua história voltando para a “zona” do Recife, onde a bebedeira que o salvara de morrer havia começado. Certa madrugada, três anos após o acidente, um seu amigo, da cidade de Patos, então de passagem pelo Recife, entrou no bar em que Tejo se encontrava. Este



amigo escutara a notícia da sua morte pelo rádio e não soubera do desmentido. Aí, já meio “alto”, naquela atmosfera mal iluminada e inteiramente dominada pela fumaça de cigarro de todo sórdido botequim de zona que se preze, avistou Tejo. Olhou, esfregou os olhos, olhou de novo, sem querer acreditar no que estava vendo. Tejo, então, o identificou, e logo compreendeu o que se passava naquela cabeça meio desgovernada pelo sono e pelo álcool. Bateu com as duas mãos na mesa, deu um grito e partiu para cima do amigo. O homem, aterrorizado, saiu correndo, como pôde, pelas ruas es-

curas e então desertas do bairro do Recife.

— Pelo amor de Deus, o que é que você quer comigo? — gritava, no maior desespero que se possa imaginar.

E Tejo, também gritando, correndo atrás:

— Eu quero reza, filho de uma puta! Eu quero reza! ❖

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais, *Vida de Quaderna e Simão* (romance) e *Canudos - Poema dos Quinhentos* (poesia). Mora em Recife (PE).





Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162